

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Contingências e Metacontingências Familiares:
Um Estudo Exploratório

Ana Rita Coutinho Xavier Naves

Dissertação apresentada no Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Ciência do
Comportamento

Orientadora:
Profa. Dr^a. Laércia Abreu Vasconcelos

Brasília, março de 2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO FOI EXAMINADA E APROVADA
PELA SEGUINTE COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Laércia Abreu Vasconcelos (Presidente)
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho (Membro Efetivo)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. João Cláudio Todorov (Membro Efetivo)
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Jorge Mendes de Oliveira-Castro Neto (Membro Suplente)
Universidade de Brasília - UnB

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas bênçãos incessantes, tornando a minha vida tão agradável e possibilitando que diversos objetivos fossem atingidos.

A toda minha família que serviu de inspiração para este estudo, aos meus avôs Edmundo e José (*in memoriam*), minhas avós Rita e Ana e, em especial, aos meus pais, Manoel e Carmem, que sempre me deram apoio incondicional para a execução e conclusão deste trabalho, proporcionando discussões ricas acerca da família e me transmitindo valores familiares importantes. Aos meus irmãos Márcio, Marcelo e Laura pela amizade e presença contínua e às minhas cunhadas Cristiane e Flávia pelo carinho. Agradeço de forma particular ao Renato, companheiro constante que sempre me incentivou a ir em frente e a ver os problemas de forma mais simples.

À professora Laércia pelo carinho e amizade proporcionados em todos estes anos de trabalho conjunto, por ter não só contribuído para o meu crescimento acadêmico, como também para o meu crescimento profissional sendo um exemplo de ética, determinação e profissionalismo. Obrigada por tudo!

Aos professores David Eckerman, Gérson Jaczura e Josele Abreu-Rodrigues pela aprendizagem proporcionada por meio das disciplinas cursadas.

Aos colegas de mestrado Cristiane, Dyego, Fábio, Letícia, André Martins e André Bravin pela amizade e companheirismo, pelas ricas discussões metodológicas e conceituais e pela ajuda fundamental como auxiliares de pesquisa. Às alunas Clarissa e Ana Maria que estiveram sempre disponíveis para me ajudar, seja na coleta de dados, seja na análise, dando contribuições importantes. Sem vocês, este projeto não teria saído do papel. Muito obrigada pela disponibilidade e carinho com que todos vocês me ajudaram, serei sempre grata.

Aos funcionários do CAEP, em especial às psicólogas Regina, Telma e Aline e professor Ileno Izídio que estavam sempre dispostos a ajudar com um sorriso no rosto, fazendo com que o trabalho de pesquisa fosse mais prazeroso.

Aos funcionários da secretaria, Renato e Augustinho e professor Vitor Moreira que foram de fundamental importância para que o estágio docente fosse tão agradável.

À Joyce que com muita amabilidade buscou resolver todos os problemas burocráticos advindos do mestrado.

Às famílias que participaram deste trabalho com muito compromisso e consciência de seu papel para o avanço científico.

Por fim, gostaria de agradecer aos membros da banca Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho, Prof. Dr. João Cláudio Todorov e Prof. Dr. Jorge Mendes de Oliveira-Castro Neto que gentilmente se disponibilizaram a participar da avaliação deste trabalho.

Ana Rita Coutinho Xavier Naves

RESUMO

O estudo da família é importante para o avanço das análises sociais, pois é onde o indivíduo é iniciado nas suas práticas culturais. Este trabalho teve por objetivo analisar as contingências e metacontingências presentes nas interações de duas famílias dentro do laboratório a partir da participação em quatro tarefas análogas ao cotidiano: Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala. Nas condições experimentais, apresentaram-se aos membros familiares textos sobre diferentes modelos familiares – tradicional e contemporâneo – para discussões sobre os valores presentes no contexto familiar. Observou-se que as tarefas favoreceram diferentes interações tais como no Lanche entre as mães e os filhos mais novos, no Cartaz de ambos os pais com os filhos mais velhos, na Brincadeira entre os irmãos e na Organização da Sala os membros se uniram em pares para finalizar a tarefa. Ambas as famílias avaliaram suas práticas culturais como tradicionalistas dentro de suas respectivas famílias estendidas, mas relataram que a mãe ainda é a responsável pelo cuidado dos filhos e da casa, o que pôde ser observado pelas altas ocorrências de interação entre mães e filhos. Quanto às categorias comportamentais, em ambas as famílias, as mais altas ocorrências foram de Solicitação e Descrição. A evolução da família brasileira, analisada pelo modelo de seleção por consequência, apresenta um complexo conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas, nas quais participam diferentes membros representantes das famílias, do Estado, das religiões, das escolas e da saúde pública. Esta matriz de contingências tem produzido produtos agregados em longo prazo, os quais selecionam as práticas culturais dessas famílias. As relações dinâmicas entre os elementos das metacontingências têm resultado em mudanças graduais nos valores e nas configurações da família brasileira.

Palavras-chave: Contingências de reforçamento; metacontingência; valores e família.

ABSTRACT

The family study is important for the development of social analyses, because it is where the human being is initiated in his cultural practices. This work aimed to analyze the contingencies and metacontingencies in the interactions of two families inside a laboratory with the accomplishment of four tasks similar to daily ones: Snack, Poster, Play and Room Organization. In experimental conditions, texts about different family models – traditional and contemporary – were presented to the family participants for discussions about family values. It was observed that the tasks favored different interactions, as example, in Snack between mothers and younger sons, in Poster between parents and older sons, in Play between brothers and in Room Organization the members joined in pairs to finish the task. Both families evaluated their cultural practices as traditional ones inside their extended families, but they reported that the mother still is the main responsible for their sons' education and house care, which could be observed by the high occurrences of interactions between mother and sons. In both families, Request and Description were the behavior categories with higher rate of occurrence. The evolution of Brazilian family, analyzed based on the selection by consequence model, presents a complex set of interlocked behavioral contingencies, in which participate people from different families, State, churches, schools and public health. This matrix of contingencies has produced aggregate products in the long term, products which select the cultural practices of these families. The dynamic relations between the elements of metacontingencies have resulted in gradual changes in Brazilian family values and configurations.

Key words: Contingencies of reinforcement, metacontingency, values and family.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
LISTA DE FIGURAS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
A evolução da Família – uma instituição de controle social.....	8
MÉTODO.....	14
Participantes.....	14
Local e Material.....	15
Procedimento.....	16
RESULTADOS.....	23
DISCUSSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Genealogia da Família 1.....	25
Figura 2. Percentual de Ocorrência de Interações da Família 1 nas tarefas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala nas sessões Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB – Família Tradicional), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC – Família Contemporânea) e Linha de Base 3 (LB3).....	30
Figura 3. Percentual Total de Ocorrência de Interações da Família 1 nas sessões Linha de Base 1, Condição B, Linha de Base 2, Condição C e Linha de Base 3.....	31
Figura 4. Porcentagem da Frequência das Categorias Comportamentais da Família 1 agrupadas de acordo com as tarefas: Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala	32
Figura 5. Porcentagem da frequência das categorias comportamentais da Família 1 em função das relações entre as 12 díades familiares.....	34
Figura 6. Genealogia da Família 2.....	35
Figura 7. Percentual de Ocorrência de Interações da Família 2 nas tarefas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala nas sessões Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB – Família Tradicional), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC – Família Contemporânea) e Linha de Base 3 (LB3).....	38
Figura 8. Percentual Total de Ocorrência de Interações da Família 2 nas sessões Linha de Base 1, Condição C, Linha de Base 2 e Condição B.....	39
Figura 9. Porcentagem da Frequência das Categorias Comportamentais da Família 2 agrupadas de acordo com as tarefas: Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala	40
Figura 10. Porcentagem da frequência das categorias comportamentais da Família 2 em função das relações entre as díades familiares.....	42
Figura 11. Modelo de metacontingência.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Definições operacionais das 11 categorias comportamentais emitidas pelos membros familiares nas sessões experimentais.....	23
Tabela 2. Tabulação da entrevista com Virgínia.....	26
Tabela 3. Tabulação da entrevista com Francisco.....	27
Tabela 4. Tabulação da entrevista com Virgínia.....	36

A família está presente em todos os grupos sociais e introduz o indivíduo nas práticas culturais que regulam a vida em sociedade. “Entre as três instituições mais antigas da sociedade estão a família, a igreja e o estado” (Glenn, 1985, p. 18). Os grupos familiares são formados a partir de laços de parentesco, laços sangüíneos ou alianças (Champlin, 2002). Mattaini (1999/2001) destaca que o estudo do comportamento humano e das relações entre os indivíduos podem ser feitos tendo três eixos distintos de análise, considerando o indivíduo como: (1) isolado do seu ambiente social; (2) inserido no meio familiar e; (3) inserido em um contexto social mais amplo.

A abordagem multidisciplinar da família tem recebido diversas contribuições advindas da Antropologia, Sociologia, Direito e Psicologia (e.g., Cezar-Ferreira, 2007; Cohn, 2005; Polity, Setton & Colombo, 2004). Na Análise do Comportamento, a família deve ser considerada a partir de uma perspectiva histórica dentro de um amplo contexto social que envolve um ou mais idiomas, a jurisdição, a política, a economia, a religião, a educação, as tecnologias, o sistema midiático e o processo de globalização com sua influência dinâmica. Assim, a unidade de análise é a interação entre os membros familiares, considerando também a história familiar e o amplo contexto social citado anteriormente (Mattaini, 1999/2001). Sendo o comportamento do indivíduo o primeiro objeto de análise para a compreensão da dinâmica familiar, é necessário investigar as variáveis das quais o comportamento é função.

O comportamento humano está sujeito às leis das ciências naturais e, desta forma, é também selecionado pelo ambiente, estando concomitantemente sob a ação de três níveis de variação e seleção: filogênese, ontogênese e cultura (Skinner, 1981). O nível filogenético se refere às mudanças nas características de populações de organismos que ocorrem ao longo do tempo biológico, ou seja, suas variações genéticas. Neste nível de variação e seleção, os genes são as unidades que variam e são replicadas, selecionando as características fenotípicas. A partir do estudo da biologia do comportamento, observa-se a existência de repertórios

filogeneticamente selecionados pela história ambiental do organismo, resultando em variações inter e intra-sujeitos – a plasticidade comportamental (Tourinho & Carvalho Neto, 2004).

Mais do que repertórios específicos, a filogênese seleciona a *sensibilidade* do organismo humano a certas formas de estimulação física ou social. (...) As sensibilidades específicas vêm a ser *condições* para que a aprendizagem ocorra e promova uma variabilidade comportamental, para além do que as topografias específicas possibilitam (Tourinho & Carvalho Neto, 2004, p. 120).

Portanto, a seleção filogenética explica apenas a existência do corpo e do cérebro e prepara a espécie para um futuro que se assemelhe ao passado selecionador. Essa falha foi corrigida pelo próximo passo evolucionário – a evolução do condicionamento operante (Skinner, 1953/1985, 1969, 1981). Por meio do condicionamento operante, novas respostas são fortalecidas (“reforçadas”) por eventos que as seguem imediatamente (Skinner, 1981). O nível ontogenético se refere, portanto, à história de vida de cada indivíduo da espécie desde o seu nascimento, sendo resultantes das interações que este indivíduo estabelece com o seu meio em decorrência de aprendizagem (Skinner, 1953/1985). Neste nível de variação e seleção, os padrões comportamentais são as unidades que variam e são replicadas, sendo selecionadas pelas conseqüências ambientais produzidas por este padrão comportamental. “Visto que uma espécie que adquira rapidamente comportamento apropriado a um dado ambiente tem menos necessidade de um repertório inato, o condicionamento operante poderia não só complementar a seleção natural do comportamento, ele poderia substituí-la.” (Skinner, 1981, p. 501). Por exemplo, repertórios inatos são complementados por repertórios sociais adquiridos pela imitação, sob controle de novas contingências. Assim, a imitação filogenética é complementada pela modelação operante (Skinner, 1984).

O terceiro nível de seleção por conseqüências do modelo causal proposto por Skinner é o cultural. A cultura pode ser definida como contingências de reforçamento social mantidas

por um grupo e, ao contribuírem para a sobrevivência do grupo em resolverem seus problemas com sucesso, as práticas culturais são selecionadas e transmitidas entre diferentes gerações (Skinner, 1984). Vale ressaltar que, no condicionamento operante, o comportamento pode ser analisado de momento a momento, ao contrário do que ocorre no nível filogenético e cultural. Skinner, em 1981, atribuiu esses três níveis de variação e seleção a diferentes disciplinas – à biologia, psicologia e antropologia, respectivamente.

Observa-se que o paradigma evolucionista é utilizado para explicar a emergência não só de processos biológicos, mas também de processos comportamentais e culturais. No entanto, a evolução do comportamento de um organismo ao longo de sua vida ou a evolução das práticas culturais ao longo de diferentes gerações ainda não foi completamente compreendida pela ciência, apesar dos progressos científicos já alcançados. A evolução nos três níveis de variação e seleção ocorre devido às inúmeras trocas feitas entre o organismo e o ambiente, pois a reprodução, seja ela de novos indivíduos, de novos comportamentos ou de novas práticas culturais gera diferentes características que são selecionadas pelo ambiente no qual o indivíduo está inserido. Assim, para que a seleção ocorra, é necessário que as diferentes características geradas se enquadrem aos requisitos impostos pelo ambiente para que estas características permitam a sobrevivência e reprodução dos indivíduos (Glenn, 1991; Skinner, 1981).

A evolução de ambientes sociais ou culturais começa no nível individual. O ser humano está em constante interação com outros membros de sua comunidade. Esta interação entre duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum é definido como comportamento social, ou seja, são comportamentos onde outras pessoas funcionam como estímulos discriminativos ou medeiam as conseqüências deste comportamento. A análise do comportamento social está sujeita às mesmas leis e princípios envolvidos em situações não-sociais (Skinner, 1953/1985; Guerin, 1992). Entretanto, as

conseqüências sociais apresentam algumas características que devem ser consideradas, como por exemplo, a mesma conseqüência social (e.g., “Muito Bem!”) pode ser utilizada para diferentes comportamentos e se apresenta de forma intermitente para aquele que se comporta, fazendo com que diferentes comportamentos ocorram sem que haja qualquer conseqüência funcional aparente (Andery, Micheletto & Sério, 2005; Guerin, 1992; Skinner, 1953/1985). O comportamento social envolve, em geral, o comportamento verbal e, segundo Skinner (1981), o ser humano apenas se tornou um ser social quando sua musculatura vocal ficou sob o controle operante, já que o comportamento verbal necessita ser mediado por outra pessoa da mesma comunidade.

O comportamento verbal é uma característica essencial para a cultura de um grupo social, pois ele possibilita que o indivíduo fique sob controle de conseqüências futuras para o seu comportamento, preenchendo a lacuna existente entre o comportamento e a conseqüência em longo prazo e pode se tornar também uma conseqüência que mantém o comportamento controlado por regras até que as conseqüências em longo prazo possam ser identificadas. Além disso, o comportamento verbal de um indivíduo é capaz de afetar, ao mesmo tempo, um maior número de membros do grupo social, a exemplo das leis governamentais (Glenn, 1986/2005; Harris, 1986/2007).

Entretanto, quando o foco de análise deixa de ser o comportamento de dois ou mais indivíduos em interação e passa a ser a replicação das relações comportamentais do repertório de um indivíduo no repertório de outro indivíduo do mesmo sistema sociocultural, estamos analisando as práticas culturais (Glenn & Malagodi, 1991). As práticas culturais podem ser reduzidas à análise das contingências de reforçamento que operam sobre cada organismo que se comporta, mas este reducionismo não explica completamente a evolução e a manutenção desta prática como tal. Práticas culturais envolvem o comportamento consistente de muitos indivíduos ao longo do espaço e do tempo, ou seja, elas podem se perpetuar mesmo com a

substituição dos membros do grupo. Assim, “uma análise científica da cultura não pode ser reduzida ao comportamento do indivíduo, já que práticas culturais, apesar de envolverem o comportamento de indivíduos, apresentam conseqüências próprias, conseqüências que afetam a sobrevivência da cultura” (Glenn, 1988, p. 162). Portanto, uma análise mais completa do comportamento humano deve considerar também o estudo do comportamento social e das práticas culturais.

Na análise cultural, é mais difícil formular princípios gerais que descrevam processos culturais, pois as unidades de análise são mais abstratas, existem sobre um longo período de tempo e envolvem o comportamento de múltiplos indivíduos (Glenn & Malagodi, 1991). Com o objetivo de tornar o estudo das práticas culturais passível de uma análise compatível com os princípios e leis da Análise do Comportamento, criou-se o conceito de metacontingência. Segundo Glenn (1986/2005), metacontingência é a unidade de análise das práticas culturais e “descreve a relação funcional entre uma classe de operantes, cada operante possuindo sua própria conseqüência imediata e única, e uma conseqüência em longo prazo comum a todos os operantes que pertencem à metacontingência” (p. 14).

O conceito de metacontingência tem sido revisado, ao longo do tempo, por diferentes pesquisadores. Glenn e Malott (2004) propuseram uma nova estrutura de metacontingência a partir do estudo das organizações. Segundo as autoras, “nas organizações, metacontingências têm três elementos: as contingências comportamentais entrelaçadas, um produto agregado e o sistema receptor. O sistema receptor é o recipiente do produto agregado e funciona como o ambiente selecionador das contingências comportamentais entrelaçadas” (p. 100).

Entretanto, Houmanfar e Rodrigues (2006) destacam inconsistências no conceito de metacontingência. Ao traçarem um paralelo entre a contingência comportamental (evento antecedente – comportamento → conseqüência), e a metacontingência, consideram que as contingências comportamentais entrelaçadas estão implícitas no nível cultural de seleção, mas

pertencem ao nível comportamental de análise. As contingências comportamentais entrelaçadas podem variar e mudar sem necessariamente alterarem o produto agregado selecionado. “O nível individual é o nível em que nós, como analistas do comportamento, provavelmente interviremos sobre fenômenos sociais” (p.29). Portanto, “a seleção deste produto agregado provavelmente resulta também na seleção concomitante de comportamentos entrelaçados que contribuíram para o produto agregado” (Houmanfar & Rodrigues, 2006, p. 28).

Assim, o primeiro e o terceiro termos da metacontingência para Houmanfar e Rodrigues (2006) são fatores ambientais (meio cultural – *cultural milieu* – e sistema receptor, respectivamente), enquanto que o termo intermediário corresponde ao que é selecionado (o produto agregado). Assim, o meio cultural favorece o surgimento de produtos agregados formados por contingências comportamentais entrelaçadas, as quais são selecionadas pelo sistema receptor. O meio cultural é formado pelas crenças, moral, políticas governamentais, regras, tradições, valores, comportamentos verbais, dentre outros. O produto agregado continua sendo a consequência cultural em longo prazo comum a todos os operantes da metacontingência e o sistema receptor as demandas ambientais de outros grupos sociais. Observa-se, portanto, que a grande diferença entre o modelo proposto por Glenn e Malott (2004) e Houmanfar e Rodrigues (2006) é o processo seletivo de uma determinada prática social. No primeiro modelo, são as contingências comportamentais que são selecionadas pelo sistema receptor e no segundo, é o produto agregado que é selecionado.

Em 1981, Skinner, ao discutir a seleção por consequências e, especificamente, a evolução de ambientes sociais ou culturas, mostra que o processo começa em um nível individual, mas a evolução da cultura ocorre quando os efeitos reforçadores que incidem sobre o grupo são selecionados, e não as consequências individuais para seus membros. Posteriormente, Harris (1984) enfatiza que os efeitos sobre o grupo afetam também os

indivíduos que se comportam no grupo. Assim, para este estudioso do Materialismo Cultural existem duas formas de seleção por consequência a nível cultural: (1) seleção do grupo e (2) seleção de variações comportamentais em repertórios individuais.

Apesar da discussão existente em torno do conceito de metacontingência, alguns autores ainda apresentam resistência em aceitá-lo. Mattaini (2006), por exemplo, questiona a utilidade do conceito de metacontingência devido à impossibilidade de identificação de unidades mensuráveis e manipuláveis que apreenda todo o processo de mudanças culturais, as quais ocorrem ao longo do tempo. Para Mattaini, portanto, o foco deve ser nas contingências comportamentais entrelaçadas e um trabalho experimental é necessário para o avanço conceitual nesta área. Em 2004, Mattaini considerou que a pequena quantidade de estudos experimentais das práticas culturais se deve aos seguintes fatores: o trabalho conceitual não avançou o suficiente para prover uma direção para delinear e conduzir experimentos; os pesquisadores ainda não começaram a conduzir experimentos ou estudos observacionais e, no paradigma científico, o surgimento de uma nova área passa por um ciclo entre conceitos, observações e experimentos; e novos procedimentos experimentais são requeridos para capturar a complexidade do fenômeno.

Segundo Lamal (1991), pouco se tem feito para o avanço de uma análise comportamental das práticas culturais e, devido ao pequeno número de trabalhos publicados na área, é possível que os primeiros estudos sejam mais descritivos do que experimentais e que os resultados sejam reduzidos e incompletos. Além disso, os estudos devem ser realizados em pequenos grupos dentro da sociedade. Mattaini (2006) compartilha desta posição ao enfatizar que se deve primeiro realizar estudos observacionais das contingências comportamentais entrelaçadas dentro de sistemas culturais menores para depois se avançar para a experimentação.

Historicamente, apesar de Skinner ter enfatizado a importância do estudo do nível cultural em vários de seus trabalhos (Skinner, 1953/1985; 1961/2001; 1981), foi a partir de Glenn (1986/2005) que a análise dos fenômenos culturais se tornou mais presente na abordagem analítico-comportamental (e.g., Glenn, 1986/2005, 1988, 2003; Glenn & Field, 1994; Glenn & Malagodi 1991; Malagodi, 1986; Malagodi & Jackson, 1989). No Brasil, Todorov (1987/2005) foi o precursor da aplicação do conceito de metacontingência na análise da Constituição e, posteriormente, no Estatuto da Criança e do Adolescente (Todorov, Moreira, Prudêncio, Carneiro & Pereira, 2004/2005). Ainda, no Brasil, um grande número de estudos dos fenômenos culturais tem sido desenvolvido também por outros pesquisadores (e.g., Andery, Micheletto & Sério, 2005; Martone & Banaco, 2005; Vichi, 2005). Assim, a contribuição e a consistência do conceito de metacontingências são submetidas a análises constantes a cada aplicação em estudos históricos, observacionais e experimentais. Finalmente, o conceito de metacontingência tem sido considerado de grande importância por diferentes autores ao favorecer estudos interdisciplinares voltados para práticas culturais (e.g., Glenn, 1988, 1991; Housmanfar & Rodrigues, 2006; Lamal, 1991; Pierce, 1991).

A evolução da Família – uma instituição de controle social

Skinner (1953/1985), ao descrever o comportamento de pessoas em grupo, apresenta o conceito de agências de controle. Segundo este autor, “dentro do grupo certas *agências controladoras* manipulam conjuntos particulares de variáveis. Essas agências são geralmente melhor organizadas que o grupo como um todo, e freqüentemente operam com maior sucesso” (Skinner, 1953/1985, p. 317). Na Antropologia, Champlin (2002) define estes sistemas sociais no qual os indivíduos perpetuam seus valores para o bem-estar e sobrevivência do grupo de instituições. Alguns exemplos dessas agências de controle ou instituições são governo, religião, educação e família.

Segundo Champlin (2002), a família apresenta três importantes funções dentro da

sociedade: (1) perpetuação controlada da espécie, por meio da reprodução; (2) sustento e cuidado das crianças, por meio do treinamento e socialização e (3) controle sexual, com a finalidade de evitar o incesto. Dois núcleos familiares podem ser identificados – a família nuclear, composta pelo casal com a presença ou não de filhos e a família extensa, formada pelos membros familiares citados no primeiro núcleo e por outros indivíduos biologicamente associados ao pai ou à mãe, como avós, tios, sobrinhos e primos.

Para a compreensão mais ampla do grupo familiar dentro de cada sociedade, é necessário analisar as diversas definições formuladas acerca da família, tendo em vista que a família é um fenômeno social histórico. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, propõe a definição de família a partir de indivíduos unidos por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência que residem no mesmo domicílio, ou ainda, apenas por um indivíduo que resida em uma unidade domiciliar (IBGE, 2005). Para o IBGE, de acordo com objetivos estatísticos, a família se define em relação à unidade domiciliar e não em relação ao parentesco dos indivíduos. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a família é formada pelos pais ou um deles e seus descendentes biológicos ou adotados. Já em uma abordagem sociológica, as definições de família existentes podem ser divididas em definições sociais e biológicas. As definições sociais são fundamentadas em laços afetivos entre os membros familiares e as definições biológicas em laços de consangüinidade (Holtzman, 2005).

A família é o primeiro contexto social da criança no qual são apresentadas as práticas culturais, rotinas e padrões de interação às novas gerações (Bastos, Alcântara & Ferreira-Santos, 2002), além dos conceitos sobre comportamento ideal (Bisaoli-Alves, 1997). A estrutura familiar patriarcal, matriarcal e as práticas educativas envolvendo as crianças são aspectos importantes a serem observados na evolução da família. Setton (2004), ao traçar a história da formação dos grupos familiares, mostra que a família surge durante o

aparecimento das guerras, quando ocorre o rompimento dos grupos matrilineares e a mulher, escravizada, se torna um bem econômico, submissa ao homem, podendo ser comprada pelo futuro marido. Entre os séculos XVI a XIX, não havia ainda uma separação entre os grupos familiar e social mais amplo – todos faziam parte de uma mesma comunidade. Apenas no século XX é que a estrutura familiar começou a se diferenciar do grupo social mais amplo e a família passou a ser definida por meio das relações de parentesco (Ariès, 1973/1981).

No século XX, pai, mãe e filhos compunham a configuração familiar predominante. No entanto, a família continua a evoluir, mostrando diversas mudanças a partir do final do século XX, tais como a perda do status do pai e a crescente participação da mãe no processo de decisão de procriação e sua maior atuação no mercado de trabalho. Estas mudanças se iniciaram após a Segunda Guerra Mundial e foram seguidas por um aumento nos estudos sobre a relação mãe-criança, os quais indicavam que as mães seriam as mais recomendadas para o cuidado dos filhos e que o processo de socialização da criança ocorria de forma bidirecional. Estes estudos deram origem a leis trabalhistas que passaram a proteger a mulher-mãe-profissional. Posteriormente, as pesquisas mudaram seu enfoque para a família como sendo um dos contextos decisivos para a geração de padrões de comportamentos específicos no repertório de uma criança (Turkenicz, 2006).

No Brasil, no período colonial, surgiu um modelo familiar trazido pelos colonizadores europeus no qual a família era constituída de pai e mãe casados na Igreja e, apenas nesta formação social seria possível educar os filhos, transmitindo-lhes os valores e normas da Igreja Católica. A família patriarcal era o centro da vida social da Colônia e, neste período, era a autoridade do pai que garantia a união entre parentes; a obediência da mulher, dos filhos, dos escravos e dos empregados; e a influência política de um grupo familiar sobre os demais. Embora a formação patriarcal fosse majoritária coexistiam outras configurações familiares, tais como as famílias pequenas, formadas por solteiros, viúvos, ou somente por mãe e filhos

(Del Priore, 1999).

No Brasil do início do século XX, o número de filhos era elevado e na relação entre adultos e crianças primavam-se pela obediência e pelo respeito aos mais velhos, a disciplina era feita pelos pais, os quais demonstravam afeto e os avós eram membros familiares importantes para as crianças. O brincar se desenvolvia com brinquedos, em geral artesanais, e ainda, com brincadeiras que independia da posse de brinquedos (Caldana, 1998). Entre as décadas de 30 e 80 há uma maior limitação do espaço físico, as brincadeiras se tornam solitárias, há um maior número de objetos lúdicos disponibilizados pelas mães às crianças e a mídia televisiva começa a fazer parte da rotina familiar, difundindo valores. Diferentemente do início do século XX, ao final da década de 90 há um menor número de regras apresentadas às crianças e maior permissividade por parte dos pais. As crianças são inseridas em um maior número de atividades extra-escolares ao longo do dia, além de serem expostas cada vez mais ao universo midiático, especialmente à mídia de tela (Biasoli-Alves, 1997). Observam-se também outros fatores de influência na evolução da família contemporânea, tais como: aumento na frequência de divórcios, que conduziu a novas configurações familiares; a diminuição da taxa de natalidade; a inserção da mulher nas Universidades e em atividades profissionais fora do ambiente doméstico; e a maior tendência de relações sexuais antes e fora do casamento (Turkenicz, 2006).

Segundo Goldani (1994), ao analisar os dados fornecidos pelo IBGE, referente às Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílios (PNADs) no período de 1970-1989, observa-se que o arranjo familiar que mais aumentou em frequência foi de viúvos e solteiros (indivíduos vivendo sozinhos), e de famílias monoparentais, com apenas o pai ou a mãe, separados, com a presença de um ou mais filhos. Houve também um maior número de famílias reconstituídas devido às altas taxas de separação, divórcio e recasamentos. Dados mais recentes indicam um aumento gradativo de famílias chefiadas por mulheres. Em 1999,

2001 e 2005 o percentual de famílias mantidas financeiramente por mulheres foi de 26,1%, 27,3% e 30,6%, respectivamente (IBGE, 2002; 2005).

As mudanças na estrutura familiar brasileira e na sua função dentro da sociedade foram seguidas pela criação de três grandes conjuntos de leis: a Lei do Divórcio de 1977, o Estatuto da Criança e do Adolescente criado em 1990 e o novo Código Civil Brasileiro de 2002. A lei que regulamenta o divórcio (Lei nº6.515) foi criada com o propósito de estabelecer em quais casos o casamento poderia ser dissolvido. Antes da criação desta lei, uma vez casados perante a sociedade civil, o casamento só terminaria pela morte de um dos cônjuges. Esta lei se tornou importante para as novas configurações familiares ao permitir o recasamento. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº 8.069), por sua vez, foi defendido como dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar os direitos da criança e do adolescente à saúde, alimentação, educação, esporte, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária.

A família é apresentada no ECA como uma das instituições centrais para a formação da criança. Alguns Artigos foram elaborados especificamente para regulamentar a convivência familiar e comunitária (Artigos 19 a 52). De acordo com estes Artigos, toda criança tem o direito de viver inserida dentro de uma família, seja ela a sua própria ou substituta, os filhos, tidos dentro do casamento ou não e adotados ou não, terão os mesmos direitos e pai e mãe serão igualmente responsáveis pelo sustento, guarda e educação dos filhos menores. Em 2002, foi elaborado o novo Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406) que, dentre as diversas atualizações legislativas, apresentou um novo conjunto de leis que também normatiza a convivência familiar (Artigos 1.511 a 1.783). Este Código Civil regulamenta o casamento, as relações de parentesco (filiação, reconhecimento dos filhos e adoção), o poder familiar, a união estável e a tutela. É importante ressaltar que a partir deste Código Civil o conceito “pátrio poder” (termo ainda utilizado no ECA), foi substituído por “poder familiar”,

equiparando as responsabilidades do pai e da mãe dentro da família (Cezar-Ferreira, 2004).

Na evolução da família brasileira, como decorrência das grandes modificações em seus valores e constituição, observa-se a coexistência de dois modelos denominados de tradicional e moderno (o que será denominado neste trabalho de contemporâneo). No primeiro, os membros são definidos a partir de sua posição hierárquica, no qual o pai ocupa uma posição de poder sobre os demais membros e, no segundo modelo, o pai e a mãe têm iguais direitos e deveres e todos os membros são importantes para o desenvolvimento da família. Nesta síntese, é importante que não se desconsidere a complexidade das mudanças na instituição familiar (Caldana, 1998).

Como valores são um dos fatores a serem analisados na história das transformações da família, é importante destacar a abordagem teórica utilizada neste estudo da família. De acordo com uma visão analítico-comportamental, valores são comportamentos verbais que sinalizam relações contingentes desejáveis entre comportamento e conseqüências. O grupo aprende a emitir estes comportamentos por meio das contingências de reforçamento, propagando aquilo que aprenderam a valorizar por meio destas contingências (Rakos, 2001), verbalizando aquilo que é bom ou ruim para o grupo de acordo com sua própria história de vida (Skinner, 1981; 1986). Entretanto, nem tudo aquilo que é bom, ou reforçador, para um indivíduo será também para outros indivíduos (Skinner, 1971/2002).

O estudo das interações do grupo familiar e dos valores presentes em cada família pode ser uma importante fonte de informações acerca das mudanças sociais vivenciadas pela sociedade. Estes dados podem permitir, também, análises das relações de metacontingências existentes dentro de um grupo social menor. Assim, o objetivo geral deste trabalho é observar as interações entre os membros de duas famílias brasileiras. Entre os objetivos específicos estão: (1) Observar e descrever as interações dos membros familiares (pais e filhos) em diferentes atividades análogas àquelas presentes no cotidiano de uma família envolvendo um

lanche, atividade acadêmica, brincadeira e organização do espaço no qual interagem; (2) Analisar as descrições ou avaliações que os membros familiares formulam para suas respectivas famílias após a apresentação de dois modelos familiares pertencentes a diferentes períodos históricos; (3) Analisar as interações dos membros familiares, considerando também os relatos sobre a família extensa – os valores, as práticas educativas, as definições de pai, mãe e criança; (4) Utilizar o conceito de metacontingência como uma unidade de análise no nível cultural de seleção por conseqüências ao interpretar os dados obtidos a partir de cada grupo familiar analisado. Assim, será analisado: (a) as práticas culturais presentes na família intra e intergerações; (b) os produtos agregados gerados na sua história familiar; e (c) algumas das contingências entrelaçadas envolvendo seus membros.

MÉTODO

Participantes

Duas famílias participaram do estudo – a Família 1 é composta por pai (Francisco - 35 anos), mãe (Virgínia - 43 anos) e dois filhos (Hélio – 12 anos e Antônio – 4 anos). Francisco e Virgínia são casados há 15 anos e, após o nascimento de Hélio, o casal adotou o segundo filho, Antônio. Francisco trabalha como projetista técnico e, atualmente, está cursando a faculdade de Administração no período noturno, enquanto Virgínia é funcionária pública. A Família 2 é composta pela mãe (Marta – 34 anos) e quatro filhos (Gabriel – 15 anos, Marcos – 10 anos, Igor – 7 anos e João – 4 anos). Marta foi casada com o primeiro marido, pai de Gabriel, por 2 anos. Após a separação, casou-se novamente e teve três filhos – Marcos, Igor e João. O segundo marido de Marta havia morrido três meses antes da coleta de dados. Marta concluiu o ensino médio e trabalha atualmente na gráfica da família. Para a realização desta pesquisa obteve-se aprovação no Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília sob o número do processo 026/2007. As famílias foram recrutadas

por meio da divulgação de cartazes afixados na Universidade de Brasília que solicitavam a participação de famílias neste estudo.

Local e Material

O experimento foi conduzido em uma sala do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília (CAEP) com espelho unidirecional entre as salas de atendimento e de observação, onde os observadores treinados permaneceram durante o experimento. Na sala havia uma mesa com alimentos dispostos para um lanche, cadeiras, almofadas e duas caixas, uma amarela com brinquedos e livros e uma preta com estímulos acadêmicos. Nas condições experimentais B e C, que serão descritas a seguir, havia frases sobre os diferentes modelos de famílias afixados nas paredes da sala (cartazes com tamanho A3, 297 mm X 420 mm, e impressos em cores). Para o registro das sessões experimentais foi utilizada câmera digital *Canon Power Shot S3* e cartão de memória de 4 GB *Dane-Elec*.

Os alimentos disponibilizados para as famílias a cada lanche foram: 2 minibolos Ana Maria *Pullman* 80 gr (sendo um gotas de chocolate e outro de morango), 2 biscoitos maxi *Bauducco* 25 gr (um de chocolate e outro de goiabinha), 1 minibiscoito waffer de morango *Arcor* 40 gr, 1 biscoito salgado Pit Stop *Marilan* 30 gr, 1 biscoito salgado Pit Stop Integral *Marilan* 30 gr, três frutas (banana, maçã e tangerina), 1 suco de uva *Dafruta* 1 l e água mineral 500 ml.

Os brinquedos e livros selecionados foram: figuras dos sentimentos ampliadas; bonecos de pano com a família (pai, mãe, criança, bebê, avô, avó e cachorro); jogo *Brincando com as Expressões Toyster*; conjunto de cozinha em madeira (fogão, mesa de jantar e quatro cadeiras); conjunto de sala em madeira (sofá, televisão e estante); conjunto de quarto em madeira (cama, guarda-roupa e penteadeira); miniaturas de itens alimentícios; *Pica Pau*; conjuntos de chá e jantar de plástico; livros sobre alimentação (Randall, 2003/2005; Rastoin-

Faugeron, 2002/2005; Salgado, 2001); 4 fantoches (pai, mãe, filho e filha); cartões com figuras de alimentos; relógio; vaso sanitário, banheira e carrinho, todos de plástico; livros sobre família (Parr, 2003; Rocha, 2001; Ziraldo, 2005); e jogo *Brincando de Engenheiro 53 peças Xalingo*.

Além desses objetos, na caixa com estímulos acadêmicos havia revistas, cola, tesoura, lápis de cor, lantejoulas, canetas e colas coloridas, tinta guache, pincéis, gizes de cera e um papel cartão branco (510 mm X 350 mm) que se tornaram uma ocasião para interações verbais e não-verbais envolvendo os temas: televisão, família, sentimentos, rotina e alimentação.

Procedimento

No primeiro encontro, somente os responsáveis compareceram à pesquisa, onde leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando os demais membros familiares a participarem, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos no Brasil. Nesta primeira sessão, os pais, individualmente, responderam também a um questionário sobre a rotina familiar, sua história pessoal com a família de origem (pais e irmãos), hábitos de lazer e conceitos sobre família. O auto-relato de participantes pode ser uma fonte importante de informações adicionais sobre determinados comportamentos que de outra forma seriam inacessíveis ao experimentador (e.g., Critchfield, Tucker & Vuchinich, 1998). A partir da segunda sessão, os participantes foram submetidos a um delineamento experimental ABACA, no qual A correspondeu às sessões de Linha de Base. Nas Condições B e C, os pais receberam informações de forma oral e textual sobre o modelo familiar difundido até metade do século XX e o modelo familiar contemporâneo, respectivamente.

Condição A - Linha de Base. Cada família permaneceu por volta de 38 min na sala com

alimentos, objetos acadêmicos e brinquedos. O tempo foi dividido da seguinte forma: 1 min para a instrução 1; 10 min para a primeira tarefa – Lanche; 1 min para a instrução 2; 10 min para a segunda tarefa – Cartaz; 1 min para a instrução 3; 10 min para a terceira tarefa – Brincadeira; e 5 min para a organização da sala experimental.

As tarefas Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da sala foram selecionadas dentre as diversas tarefas realizadas por uma criança em sua rotina diária, por serem atividades que podem representar as interações entre os membros familiares no ambiente doméstico. A alimentação, por exemplo, é uma tarefa que, geralmente, envolve toda a família quando esta se reúne para tomar café da manhã, almoçar ou jantar. A realização do cartaz, por sua vez, foi selecionada na tentativa de capturar as interações familiares em uma tarefa que envolve uma atividade acadêmica, pois no processo de alfabetização, assim como no transcorrer da educação de uma criança ou jovem, a família interage com as atividades acadêmicas propostas pela instituição de ensino. Quanto à terceira tarefa selecionada, o comportamento de brincar está presente em todos os momentos históricos de diferentes povos, quando se observa as interações de uma criança com seu meio. O comportamento de brincar é, portanto, parte das contingências que envolvem crianças, tendo uma clara importância no desenvolvimento de diferentes repertórios comportamentais. Finalmente, a organização da sala pode favorecer a análise de interações familiares em uma atividade que envolve arrumar o ambiente. Essa tarefa é também programada em grande parte das famílias, envolvendo os objetos da criança e/ou da família, em geral. Assim, neste experimento nos primeiros 10 min as famílias foram instruídas a fazerem um lanche com os alimentos presentes na sala. A instrução 1 foi:

Primeiramente gostaria de agradecer-los pela valiosa participação nesta pesquisa. Darei algumas orientações de como será a participação de vocês neste momento da pesquisa. Dentro desta sala terão vários objetos. Eu gostaria que vocês entrassem e agissem da forma mais natural possível. Vocês ficarão dentro desta sala por aproximadamente 1 hora. Durante este tempo vocês realizarão quatro atividades que eu lhes orientarei. Eu gostaria que neste primeiro momento vocês fizessem um lanche com seus filhos com os alimentos que estarão em cima da mesa. Daqui a alguns minutos eu voltarei para lhes orientar com relação à segunda atividade.

Nos 10 min seguintes, as famílias foram instruídas a fazerem uma atividade acadêmica com os filhos. Esta atividade consistia em fazer um cartaz sobre algum tema definido pela experimentadora que foi escolhido por sorteio dentre os temas televisão, alimentação, sentimento, rotina familiar e família. Assim, as famílias receberam a instrução 2 para a realização desta tarefa:

A próxima atividade será a confecção de um cartaz com seus filhos sobre o tema que está colocado sobre a caixa preta. Dentro da caixa terá todo o material que poderá ser utilizado na confecção deste cartaz. Dentro de alguns minutos retornarei para mais orientações.

Após a atividade acadêmica, as famílias tiveram o terceiro intervalo de 1 min quando a instrução 3 foi apresentada. Nos próximos 10 min, as famílias foram instruídas a brincar entre si com os brinquedos disponibilizados na sala. E, por fim, nos últimos 5 min as famílias deveriam guardar os brinquedos e os outros objetos utilizados na sessão (ver Mendizabal, 2005). A seguinte instrução foi dada:

Agora, a tarefa de vocês será brincar com seus filhos por alguns minutos utilizando os brinquedos que estão dentro da caixa amarela. Assim que eu sinalizar, com batidas na porta, vocês deverão, junto com seus filhos, arrumar todos os objetos utilizados durante o tempo em que vocês estiveram dentro da sala.

Condição B - Modelo de Família predominante até meado do século XX. Inicialmente, cada família foi exposta a um texto que apresentava as mudanças ocorridas na família no período histórico de aproximadamente 1900 a 1950. Posteriormente, os membros familiares foram solicitados a discutir os valores familiares apresentados. A instrução 4 apresentada foi:

Agora vou ler um texto sobre um exemplo de família brasileira. Depois da leitura do texto vou fazer algumas perguntas sobre esta família e eu gostaria que todos participassem.

Vale ressaltar que em ambos os textos, sobre o modelo de família tradicional e sobre o modelo de família contemporânea, as citações das referências foram omitidas com a tentativa de evitar incompreensão na leitura destas citações por parte dos participantes da pesquisa. A seguir será apresentado o texto sobre o primeiro modelo de família:

A partir de um exemplo de família brasileira, vamos considerar a participação de pais, mães e filhos dentro do ambiente familiar. O comportamento da mulher dentro desta família, por exemplo, é caracterizado por seguir instruções da Igreja, da medicina e do Estado, cumprindo o papel de mãe e cuidadora, sendo, assim, responsável pelas tarefas domésticas, pela administração da casa, pelo cuidado dos filhos e do marido, incluindo também a responsabilidade pela programação do número e nascimento dos filhos (Del Priore, 1993). Desta forma, na vida familiar, a mulher tem o papel de educar os filhos, seja religiosa ou intelectualmente, cuidando do seu desenvolvimento e da qualidade de vida da família como um todo.

O homem, por sua vez, dedica-se ao trabalho profissional fora de casa. Estabelece-se, assim, a figura do pai como o responsável por sustentar econômica e financeiramente a família, o que o torna, em geral, ausente diante da esposa e dos filhos. O trabalho ocupa o primeiro lugar, e a presença do pai é, freqüentemente, substituída pelo apoio financeiro que este fornece à esposa e aos filhos (Montgomery, 2005; Setton, 2004). O pai apenas se torna presente nos momentos em que uma figura de autoridade se torna necessária para impor limites, transmitir valores e cultura. Enquanto à mãe cabem as demonstrações de carinho e amor, além da administração da casa.

Nesta família, a educação da criança tem o objetivo de torná-la um adulto bem-educado, buscando-se assim, o controle dos comportamentos inapropriados ou anti-sociais. Desta forma, na educação da criança observa-se a presença de muitos limites e pouco afeto. A criança tem um papel secundário dentro desta família, onde ela não pode se expressar, havendo uma certa distância entre o mundo dos adultos e das crianças (Cohn, 2005; Andrade, 1998).

Após a apresentação do texto, a experimentadora formulou questões sobre o modelo de família com o objetivo de observar as interações e os valores presentes em cada família deste estudo. A instrução 5 foi:

Neste momento eu gostaria de conversar com vocês sobre esta família que eu descrevi. Farei algumas perguntas e gostaria que vocês expressassem tudo o que sentem ou pensam. A opinião de todos é fundamental, por isso, lembrem-se que não existem respostas certas ou erradas, não se trata de um teste, mas de uma tentativa de conhecer as diferentes famílias brasileiras. De acordo com o texto, qual é o comportamento da mulher dentro da família? O que vocês pensam a respeito? Quais são os comportamentos do pai com relação a sua esposa e filhos? Como vocês vêem estes comportamentos? Como a criança deve ser tratada pelos pais? O que vocês pensam a respeito?

Cada uma das seis questões foi seguida por um intervalo para que os membros familiares pudessem fornecer suas respostas. Posteriormente, foi solicitado aos participantes que discutissem o texto entre si, sem a presença da experimentadora durante 5 min. A instrução 6 foi:

Gostaria que vocês discutissem entre si, por alguns minutos, o texto que acabei de ler

sobre a família brasileira. Há nas paredes da sala o texto lido e algumas frases retiradas deste texto para auxiliá-los nesta tarefa.

A seguir, as famílias passaram pelas mesmas condições descritas na Linha de Base, no entanto, havia dentro da sala cartazes em folha A3 com alguns trechos do texto previamente apresentado: (1) A mulher é a mãe e a cuidadora, sendo responsável pela casa, pela família, pela manutenção do casamento e pela reprodução; (2) O pai impõe limites, transmite os valores e a cultura e a mãe demonstra carinho e amor; (3) O pai sustenta econômica e financeiramente sua família; e (4) A criança se desenvolve em direção ao objetivo de se tornar um adulto, ter comportamentos iguais aos do adulto com uma educação rígida, com muitos limites e pouco afeto.

As Condições B e C, a qual será descrita a seguir, tiveram a duração de aproximadamente 1 h, com o tempo distribuído de forma similar à descrição da Condição A (Linha de Base), incluindo 1 min para instruções sobre a leitura do texto; 10 min para leitura e discussão do texto com a experimentadora e 5 min para discussão entre os membros familiares. Todas as instruções da Linha de Base foram utilizadas nas Condições B e C.

Condição C – Modelo de Família Contemporânea. Cada família recebeu novas informações orais e textuais sobre valores familiares contemporâneos. Estas informações foram igualmente retiradas de literatura científica que apresenta a evolução da família a partir do final do século XX. A família foi instruída da mesma forma que na Condição B e o texto apresentado foi:

Hoje darei outro exemplo de família brasileira. Nesta família, pai e mãe exercem atividades muito semelhantes dentro e fora de casa. Há uma divisão maior nas tarefas domésticas, não é só a mulher quem cuida da casa e dos filhos, mas muitas vezes ela é ajudada por seu companheiro nestas atividades. A mulher tem, então, uma dupla jornada de trabalho, uma dentro de casa, cuidando dos filhos e da casa, e outra em seu ambiente profissional, já que há a necessidade de que ela também ajude financeiramente sua família (Bastos, Alcântara & Ferreira-Santos, 2002; Turkenicz, 2006).

O homem também é uma pessoa muito importante dentro desta família, sendo tão responsável pela educação da criança quanto a mulher. Um pai carinhoso,

amoroso e firme serve de modelo para o seu filho entender e aceitar seus próprios sentimentos de ternura. No entanto, não basta somente estar presente dentro de casa e distante emocionalmente, é necessário estar também presente afetivamente (Brito, 2005; Montgomery, 2005).

Observa-se, portanto, que o pai e a mãe, casados ou não, possuem iguais responsabilidades nos cuidados com os filhos. O pai não tem mais deveres ou direitos que a mãe. Sustentar, abrigar e educar os filhos para um melhor desenvolvimento físico e emocional são funções agora consideradas de ambos os pais (Cezar-Ferreira, 2004; ECA, 1990). A educação dos filhos deve ser realizada com muito carinho, mas estabelecendo também limites, já que educar significa preparar a criança para a vida, mas para que isso ocorra é necessário investimento de tempo e disposição do pai e da mãe.

A criança, por sua vez, é vista como um ser completo e atuante no seu processo de crescimento. A diferença entre a criança e o adulto não é quantitativa, mas sim qualitativa, visto que “a criança não sabe menos, ela sabe outras coisas” (Cohn, 2005, p. 33). Assim, cada membro da família possui direitos e deveres e são todos igualmente importantes para o desenvolvimento familiar e social.

Este texto foi apresentado da mesma forma que o texto da Condição B, com questões semelhantes, precedidas pela instrução 5 e seguida pela instrução 6 citadas anteriormente. Os quatro cartazes desta condição foram: (1) O pai e a mãe possuem iguais responsabilidades nos cuidados dos filhos e da casa; (2) A criança é um membro familiar que pode contribuir de forma importante dentro da família, expressando suas opiniões e sentimentos; (3) A educação dos filhos deve ser realizada com muito carinho, mas estabelecendo também limites, o que requer investimento de tempo e disposição dos pais, com diálogos frequentes; e (4) Pai e mãe têm vida familiar e vida profissional. Assim, as tarefas domésticas são compartilhadas.

Todas as sessões foram transcritas, incluindo todos os comportamentos dos membros familiares em cada sessão. Posteriormente, essas interações foram descritas em contingências tríplexes de reforçamento e punição, respeitando a seqüência de comportamentos emitidos em cada sessão. Assim, uma contingência poderia envolver três membros familiares como no exemplo a seguir: a ocasião em que Antônio limpa o nariz na blusa; a resposta da mãe solicitando ao pai que pegue um guardanapo para limpar o nariz do Antônio e, como consequência, o pai pega o guardanapo sobre a mesa de lanche e o entrega à mãe.

A partir da formação destas contingências tríplexes, foram criadas categorias

comportamentais como uma alternativa adicional de análise das interações (Sharpe & Koperwas, 1983). Assim, uma determinada contingência poderia envolver diferentes categorias comportamentais emitidas por cada um dos membros familiares que dela participassem. Na contingência tríplice citada anteriormente, a resposta ou o comportamento-alvo foi categorizado como uma *Solicitação* da mãe ao pai e a consequência foi categorizada como uma *Resposta à Solicitação* emitida pelo pai. Um total de 11 categorias comportamentais foram definidas e apresentadas na Tabela 1. É importante ressaltar que os comportamentos dos membros familiares foram categorizados a partir de sua topografia e função, observadas no contexto experimental. As categorias podem ser consideradas comportamentos sociais ao envolverem o comportamento de uma pessoa em relação a uma outra em qualquer um dos três elementos de uma contingência de reforçamento ou de punição (estímulos antecedentes, respostas, ou estímulos subseqüentes. As categorias comportamentais definidas participam de contingências que podem ser denominadas de contingências com propriedades sociais (Andery, Micheletto & Sérgio, 2005). Portanto, a interação entre os membros familiares conduziu os observadores e experimentadora a definir as categorias de Aprovação, Desaprovação, Descrição, Ironia, Orientação, Verbalização Mínima de Afirmação, Verbalização Mínima de Negação, Solicitação e Solução de Problemas. A categoria Sem Interação foi definida também pelos aspectos topográficos e funcionais – na presença de outros membros familiares, um participante se comportou utilizando os objetos da sala, ou trazidos por ele como o MP3, sem interagir com os demais familiares presentes. Os aspectos funcionais destas categorias são também definidos a partir de interações no ambiente natural no qual todas estas categorias podem ser observadas nas interações sociais, tendo como consequência, a atenção (olhar, ouvir, sorrir, comentar sobre o estímulo apresentado), ou ainda, o atendimento à solicitação, mediadas por um outro indivíduo.

Tabela 1. Definições operacionais das 11 categorias comportamentais emitidas pelos membros familiares nas sessões experimentais.

<u>Aprovação</u> (AP)	Mostrar concordância após a emissão de um comportamento em uma determinada contingência. Ex.: “Minha mãe que é boa de colorir!”; sorrisos.
<u>Desaprovação</u> (DS)	Mostrar discordância após a emissão de um comportamento em uma determinada contingência. Ex.: “Venha aqui, não vou falar mais não!”; “Pare de fazer isso com o tênis”.
<u>Descrição</u> (DE)	Descrever vocalmente comportamentos e/ou estímulos presentes em uma determinada situação. Ex.: “Ele gosta de biscoitos salgadinhos.”; “Fiquei preocupada ao ver meu [da mãe] celular sem bateria e você [filho mais velho] não poder se comunicar comigo hoje de manhã”.
<u>Ironia</u> (I)	Comentar ou perguntar de forma a mostrar uma crítica, discordância ou desvalorização do comportamento do outro, com a utilização de metáforas, brincadeiras e/ou sorrisos. Em geral, as perguntas já têm uma resposta, o falante já as conhece e solicita apenas uma confirmação. Ex.: “Se não é para comer a gente pára” [resposta do pai na tarefa de lanche diante da pergunta da mãe se ele não havia almoçado]; [na tarefa de brincadeira o pai mostra ao filho menor uma cama de boneca e a mãe pergunta] “Você gosta de brincar de boneca?”.
<u>Orientação</u> (O)	Guiar o comportamento do outro apresentando modelos verbais ou não-verbais. Ex.: “Você vai passar a canetinha pra ficar bem bonito.”; “Pede direito”.
<u>Resposta à Solicitação</u> (RS)	Responder de forma não-vocal a uma solicitação de outro membro familiar. Ex.: O pai entrega um guardanapo para a mãe quando esta lhe solicita; o filho mais novo se levanta de cima do cartaz quando o irmão lhe pede.
<u>Verbalização Mínima de Afirmção</u> (VMA)	Responder a uma pergunta concordando, com uma ou duas palavras ou com acenos positivos de cabeça. Ex.: “Sim”; “É”; “Estou”.
<u>Verbalização Mínima de Negação</u> (VMN)	Responder a uma pergunta discordando, com uma ou duas palavras ou com acenos negativos de cabeça. Ex.: “Não”; “Foi ruim”.
<u>Sem Interação</u> (SI)	Um membro familiar que não interage com os demais. Ex.: O filho mais velho brinca sozinho; o pai brinca sozinho; o pai lê; um membro familiar conversa consigo mesmo.
<u>Solicitação</u> (SO)	Emitir uma pergunta ou um pedido a outro membro familiar podendo envolver respostas não-vocais. Ex.: O filho pega um pacote de biscoito e olha para a mãe; “Vamos fazer um cartaz?”; “Coloque um copo de suco para mim?”.
<u>Solução de Problemas</u> (SP)	Dois ou mais membros familiares se unem para tentar resolver um problema. Ex.: A mãe ajuda o pai a abrir a caixa de suco.

RESULTADOS

As análises a seguir serão desenvolvidas a partir das medidas de ocorrência das

interações entre os membros familiares e da frequência das categorias comportamentais, além dos relatos obtidos em entrevistas e nas discussões sobre os diferentes modelos familiares apresentados aos participantes deste estudo. Os intervalos parciais de ocorrência de interações (Bailey & Burch, 2002) envolveram a duração total de cada tarefa, as quais foram divididas em intervalos de 15 s. Assim, a primeira interação entre dois membros familiares dentro de cada intervalo era registrada e poderia incluir 10 das 11 categorias comportamentais (exceto a categoria que não incluiu interação – Sem Interação). As tarefas Lanche, Cartaz e Brincadeira tiveram, cada uma, a duração de 10 min, com 40 intervalos de registro e a tarefa Organização da Sala, com a duração de 5 min, 20 intervalos. É importante ressaltar que na medida de ocorrência foram contabilizadas as interações estabelecidas pelos dois membros familiares entre si, independentemente de quem tenha iniciado a interação. Assim, nas interações Pai-Mãe, por exemplo, estão incluídas as interações iniciadas pelo pai em direção à mãe e pela mãe em direção ao pai. Dois observadores registraram a ocorrência das interações a partir das gravações das sessões experimentais e a média do índice de concordância foi de 88% (SD=9,74). O índice de concordância relativo às categorias comportamentais foi realizado a partir do registro de dois observadores – a experimentadora e um aluno de pós-graduação de Psicologia – os quais assistiram os registros filmados das sessões e utilizaram as contingências tríplices formuladas pela experimentadora. O observador foi treinado pela experimentadora a registrar os comportamentos dos membros familiares de acordo com as categorias formuladas, o que resultou em 71,6% de concordância (SD=2,96).

Uma análise adicional foi feita a partir dos dados obtidos da entrevista inicial com os pais, assim como das discussões sobre os dois modelos de família brasileira. Todos os dados coletados com os dois grupos familiares serão também interpretados a partir do conceito de metacontingência. A seguir serão apresentados os dados obtidos com as famílias que participaram do experimento.

Família 1

A partir da entrevista realizada com os pais, foi possível fazer a genealogia de cada família, identificando as profissões, tempo de casamento e número de filhos de cada membro. Como apresentado na Figura 1, quatro membros familiares compõem esta família – os pais Francisco e Virgínia (de 35 e 43 anos, respectivamente) e os filhos Hélio e Antônio (de 12 e 4 anos, respectivamente).

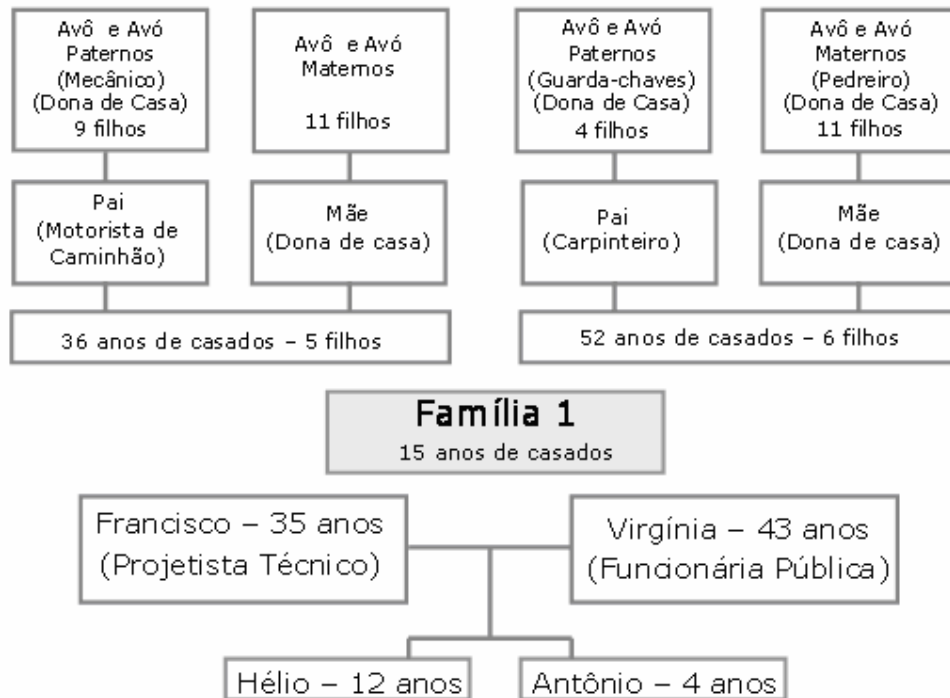


Figura 1. Genealogia da Família 1.

Segundo Virgínia, em sua infância, seu pai, em geral, não corrigia os seus comportamentos inapropriados porque nunca estava em casa, mas com sua mãe era muito beliscão, surra e não-reconhecimento para comportamentos apropriados, os quais eram considerados um dever. Para Francisco, sua infância foi excelente, com acompanhamento total da mãe. O pai não participava porque trabalhava demais e isto envolvia muitas viagens como caminhoneiro, permanecendo pouco tempo em casa. Francisco e Virgínia concordaram que tentam mudar o acompanhamento que receberam na infância com seus próprios filhos,

buscando serem mais afetivos e participativos na educação de suas próprias crianças. No entanto, ambos relataram que ao corrigirem um comportamento inapropriado dos filhos são rígidos e autoritários, mas quando estes emitem um comportamento apropriado, os elogiam (ver Tabela 2 e 3).

Tabela 2. Tabulação da entrevista com Virgínia.

Rotina	
Avaliação da vida profissional	Monótona
Dia-a-dia	Trabalha de 7:30 às 13:30, à tarde cuida da casa e dos filhos
Tempo com os filhos - Durante a semana	Todas as tardes
- Fim de Semana	Todo o tempo disponível
Dificuldades na educação dos filhos	Colocar disciplina
Infância	
Avaliação da infância	Muito rígida
Relacionamento com os avós	Só teve relacionamento com a avó paterna e era muito bom
Participação do pai	Era a autoridade em casa, mas ao mesmo tempo era a parte mais branda
Participação da mãe	Era a chefe da casa, estava sempre disposta a ajudar
Correção de comportamentos inapropriados	Pai não corrigia porque geralmente não estava em casa, a mãe era surra e beliscão
Comportamentos apropriados	Era como se nada tivesse acontecido, não havia feito mais do que a obrigação
Avaliação da participação do pai e da mãe	Errando ou acertando, fizeram o que podiam fazer. Não tem críticas
Manteria ou mudaria o acompanhamento que recebeu	Mudaria, principalmente na parte afetiva, dando mais beijos, mais abraços, fazendo mais elogios
O Ser Mãe	
Conceito de pai	Amor, autoridade, compreensão
Conceito de mãe	A mesma coisa, amor, autoridade, compreensão, pai e mãe são iguais
Conceito de criança	Amor, obediência
Conceito de família	Cumplicidade, harmonia
Como considera estes conceitos hoje	Busca esta forma de compreender os membros familiares na sua família atual
Ser Mãe	É tudo, sempre procurou ser mãe, quando não pôde ter mais um filho biológico procurou outro filho, “falta um pedaço da gente até quando não é nosso, é uma coisa difícil de explicar, filho é assim...”
Como era antes do nascimento dos filhos	Sempre quis ser amiga de seus filhos, e isso não mudou.
Avaliação do relacionamento com os filhos	Acha-se rígida como a própria mãe, mas também carinhosa
Correção de comportamentos inapropriados	Uso de chinelos, gritos, mas também conversa, pede desculpas
Comportamentos apropriados	Abre um sorriso e elogia

Tabela 3. Tabulação da entrevista com Francisco

Rotina	
Avaliação da vida profissional	Excelente
Dia-a-dia	Trabalha durante o dia e faz faculdade de Administração à noite
Tempo com os filhos - Durante a semana	1h e meia durante o almoço
- Fim de Semana	Todo o tempo disponível
Dificuldades na educação dos filhos	Televisão
Infância	
Avaliação da infância	Excelente
Participação do pai	Boa, brincavam juntos e passeavam
Participação da mãe	Participação era total, pois vivia dentro de casa
Correção de comportamentos inapropriados	Palmas, advertências, castigo
Comportamentos apropriados	Mãe elogiava, pai não lembra
Avaliação da participação do pai e da mãe	Participação da mãe era boa, mas a do pai deixava a desejar, pois estava constantemente fora de casa
Manteria ou mudaria o acompanhamento que recebeu	Mudaria, já vem mudando, participando mais
O Ser Pai	
Conceito de pai	Líder da família, acha ultrapassado
Conceito de mãe	Protetora
Conceito de criança	Respeitada, era só brincadeira
Conceito de família	Era todo mundo, pai, irmão, tios avós, família é tudo
Como considera estes conceitos hoje	Mudou muito, mãe tem mais responsabilidades e família é só pais e filhos
Ser Pai	É tudo, é muita responsabilidade, é você ver o crescimento do seu filho, vê-lo progredir
Como era antes do nascimento dos filhos	Não pensava que seria tanta responsabilidade
Avaliação do relacionamento com os filhos	Acha-se autoritário, cobrando muita responsabilidade dos filhos
Correção de comportamentos inapropriados	Na conversa, às vezes no grito
Comportamentos apropriados	Elogio

De acordo com as discussões sobre os dois modelos de família foi possível verificar que a Família 1 se avaliou como um modelo de família tradicional, quando este lhe fora apresentado. Segundo Virgínia, a única diferença com a família tradicional apresentada é que sua função de mãe envolve a execução de todas as atividades domésticas e também as atividades de trabalho fora de casa. Em sua avaliação, o homem se dedica muito à área profissional, argumentando que deve manter financeiramente a família, se tornando presente sempre como uma figura de autoridade. Francisco reclamou que, às vezes, ao chegar em casa tranqüilo, tem que mudar de ânimo para corrigir os filhos, mas relatou que tenta participar na hora do almoço, ao que Virgínia contestou dizendo que somente participa porque ela cobra. Virgínia reclamou que o filho mais velho, Hélio, sabe mais das coisas que acontecem em casa do que o pai e que este não quer saber de nada. A mãe relatou que Francisco se irrita com os

problemas domésticos, prefere mudar de assunto ou diz estar com sono. Hélio concordou com os pais dizendo que o pai está sempre no trabalho e é quem determina qual é o castigo, enquanto a mãe cuida das tarefas domésticas. A rotina da família é assim distribuída: Virgínia trabalha fora de casa no período da manhã, Francisco busca os filhos no colégio e almoça com eles, pois a mãe só chega do trabalho por volta de 14 h. Durante os períodos vespertino e noturno, Virgínia fica com os filhos já que Francisco trabalha e está na faculdade no período noturno.

A Figura 2 apresenta o percentual de ocorrência das interações dos membros da Família 1 nas quatro tarefas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala – nas cinco sessões experimentais – Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB com a apresentação do modelo de família tradicional), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC com a apresentação do modelo de família contemporânea) e Linha de Base 3 (LB3). Em geral, observa-se que as interações Mãe-Antônio (filho mais novo) tiveram as mais altas ocorrências nas diferentes tarefas seguidas, geralmente, pelas interações Mãe-Hélio. O mais baixo percentual de interações entre os irmãos ocorreu na LB1 com um posterior aumento por volta de 20%, a partir da CB. As curvas mostram variação entre as diferentes tarefas, em algumas condições. Por exemplo, na Brincadeira as interações Mãe-Antônio, Pai-Antônio e os irmãos Hélio-Antônio mostram aumento na ocorrência e Pai-Mãe mostram diminuição.

As interações da mãe com o filho mais velho (Mãe-Hélio) ocorreram principalmente no Cartaz, com ocorrências em torno de 60%. Na Brincadeira, na LB1 o percentual foi de somente 25%, quando Hélio permaneceu 22 intervalos da tarefa brincando sozinho com os blocos de engenheiro. Posteriormente, observa-se um aumento dessas interações nas Condições B e C (80% e 35%, respectivamente), com a manutenção de um valor constante nas LB2 e LB3 (60%). Quanto à tarefa de Organização da Sala nas duas primeiras condições, LB1 e CB, as mais altas interações ocorreram entre Mãe-Antônio, seguidas por Mãe-Hélio e

Pai-Antônio. No entanto, na LB2 os valores foram rebaixados quando comparados às demais condições, seguidos, em geral, por aumentos nos percentuais de ocorrências de interações nas duas últimas condições – CC e LB3.

A interação entre os pais apresentou uma média de 45% de ocorrência nas tarefas de Lanche e Cartaz independente da sessão analisada. Na Brincadeira, o percentual ficou por volta de 15% na CB, LB2 e LB3 e por volta de 35% nas demais sessões. Ao considerar as interações do pai nessa tarefa, na LB2, é importante citar que ele interagiu apenas em 14 intervalos com os demais membros familiares e nos demais intervalos brincou sozinho com os Blocos de Engenheiro. As poucas ocorrências de interação com Hélio foram devido à insistência do filho em brincar com o pai, o qual não o incentivou em sua brincadeira. Assim, Hélio voltou a brincar com a mãe e o irmão.

As interações do pai com o filho mais velho (Pai-Hélio) foram baixas em todas as tarefas nas cinco sessões analisadas. Na tarefa Lanche, o percentual de interação ficou por volta de 25%, o mais alto quando comparamos as quatro tarefas. No cartaz, este percentual diminuiu para 20%, à exceção da LB1, onde o pai e Hélio apresentaram interações de 42,5%. Nas tarefas de Brincadeira e Organização da Sala, houve poucas interações do pai com o filho mais velho, principalmente na tarefa Brincadeira onde, à exceção da LB2, este percentual não passou de 7,5%. Já as interações entre o pai e o filho mais novo (Pai-Antônio) foram mais frequentes. Nas tarefas Lanche e Cartaz, o percentual de interação ficou em torno de 15%, com exceção da CB, onde este percentual atingiu 50% na tarefa Lanche. Nas duas tarefas seguintes, este percentual foi maior, sendo de 60% na Brincadeira na LB1, CB e CC, mas na LB2 este percentual foi de somente 5% e na LB3 de 20%.

As interações entre os irmãos (Hélio-Antônio) apresentaram muitas variações entre as tarefas e as sessões. Na LB1 essas interações se mantiveram em torno de 10% em todas as tarefas da sessão. Na CB, LB2 e CC, os irmãos apresentaram percentual de 30% nas tarefas

Lanche, Brincadeira e Organização da Sala, mas este percentual é menor na tarefa Cartaz, somente 10%. Nas duas primeiras tarefas da LB3 o percentual de interação entre os irmãos ficou em torno de 15%, aumentando para 45% nas duas tarefas seguintes.

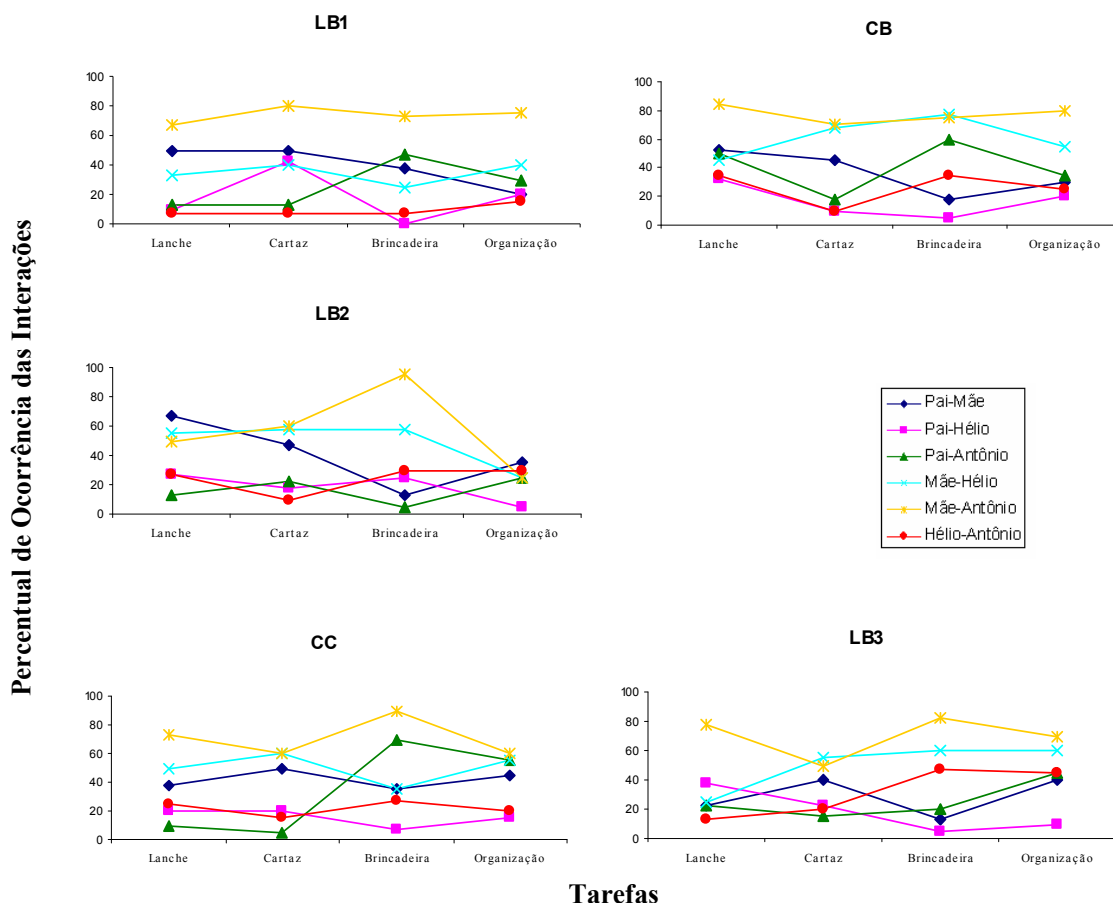


Figura 2. Percentual de Ocorrência de Interações da Família 1 nas tarefas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala nas sessões Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB – Família Tradicional), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC – Família Contemporânea) e Linha de Base 3 (LB3).

A Figura 3 apresenta o percentual total de ocorrências das interações da Família 1 nas sessões de Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC) e Linha de Base 3 (LB3). O percentual total das ocorrências mostra claramente que as mais altas ocorrências de interação foram entre a mãe e Antônio (em torno de 75%). A partir da Condição B, as interações entre a mãe e Hélio aumentaram de 33,6% na LB1 para 62%, se mantendo constante nas sessões seguintes, em torno de 50%. As interações intermediárias

ocorreram entre os pais (por volta de 40%) e entre o pai e Antônio, enquanto a interação entre os irmãos e entre o pai e Hélio representaram as ocorrências mais baixas (em geral, de 20%). É interessante notar que as interações entre o pai e Antônio variaram ao longo das sessões, sendo mais baixas nas sessões de Linha de Base (20%) e mais altas nas condições B e C (35%). Entretanto, as interações entre o pai e Hélio se mantiveram constantes em todas as sessões (20%).

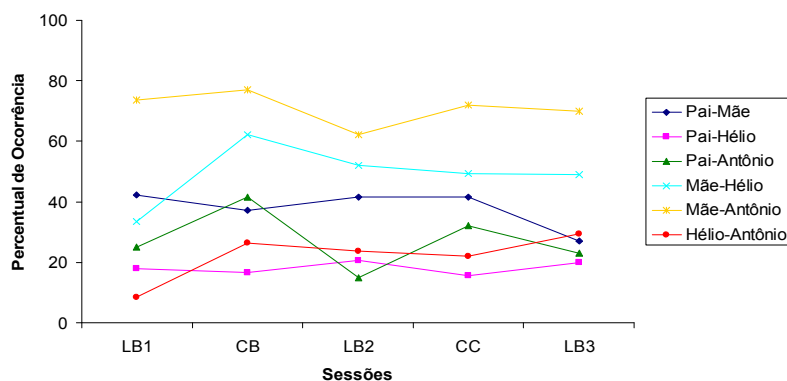


Figura 3. Percentual Total de Ocorrência de Interações da Família 1 nas sessões Linha de Base 1, Condição B, Linha de Base 2, Condição C e Linha de Base 3.

A porcentagem das freqüências das categorias comportamentais agrupadas por tarefas é apresentada na Figura 4. Os valores apresentados foram obtidos a partir do total das freqüências de cada categoria emitidas por todos os membros da Família 1, em cada uma das tarefas, ao longo das cinco sessões. Posteriormente, foi calculado o percentual desse valor em relação à freqüência total de categorias emitidas em cada tarefa. Cinco das onze categorias comportamentais – Orientação, Verbalizações Mínimas de Afirmação e de Negação, Ironia e Sem Interação – se mantiveram abaixo de 5% nas quatro tarefas analisadas (Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização). Vale ressaltar que a Ironia foi mais freqüente na tarefa Lanche (4,68%) e a categoria Sem Interação, na Brincadeira (2,8%). A categoria Solução de Problema foi mais freqüente nas tarefas Cartaz (6,9%) e Organização da Sala (10,8%), do que no Lanche e Brincadeira, nas quais se manteve em torno de 1,5%. Os percentuais de Desaprovação e Aprovação foram baixos e semelhantes (7% e 6%, respectivamente), mas a

categoria Aprovação diminuiu na Organização da Sala. A categoria Resposta à Solicitação apresentou um percentual de 7% nas duas primeiras tarefas, 10% na Brincadeira e 19% na Organização da Sala. As categorias comportamentais mais frequentes foram Solicitação (30% a 36%) e Descrição (16% a 33%). Os valores dessas categorias foram aproximadamente constantes nas tarefas Lanche, Cartaz e Brincadeira, seguidos por um aumento na Solicitação (36%) e diminuição na Descrição (16%) na Organização da Sala.

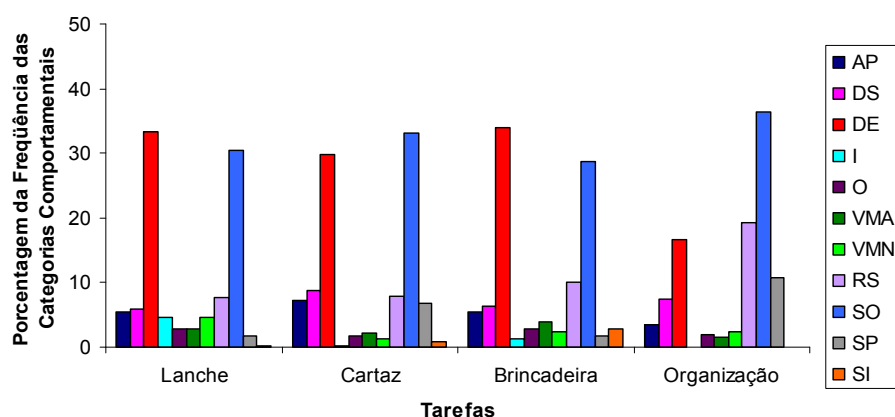


Figura 4. Porcentagem da Freqüência das Categorias Comportamentais da Família 1 agrupadas de acordo com as tarefas: Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala.

As interações iniciadas pelo primeiro membro de cada uma das seis díades – Pai-Mãe, Pai-Hélio, Pai-Antônio, Mãe-Hélio, Mãe-Antônio e Hélio-Antônio – foram analisadas, assim como as seis díades formadas pela ordem inversa dos membros – Mãe-Pai, Hélio-Pai, Antônio-Pai, Hélio-Mãe e Antônio-Mãe e Antônio-Hélio. A Figura 5 apresenta a porcentagem das freqüências das categorias comportamentais emitidas pelas 12 díades da Família 1, nas cinco sessões. Em geral, todas as díades emitiram a Aprovação em torno de 5%, com exceção de Pai-Hélio e Antônio-Hélio (ambas as díades com nenhuma ocorrência da Aprovação) e de Hélio-Antônio (com 12% das interações). A categoria Desaprovação foi emitida em 5% pelas díades Pai-Mãe, Mãe-Pai, Pai-Hélio e Mãe-Hélio. No entanto, nas demais díades, a Desaprovação ocorreu com mais freqüência do membro mais velho para o membro mais novo. Por exemplo, esta categoria ocorreu em 11% das interações do Pai com o

filho mais novo (Antônio), enquanto somente 1,8% deste filho com o pai. As categorias Descrição e Solicitação estão presentes em todas as díades da Família 1, apresentando, geralmente, os maiores percentuais de frequência. A Descrição se apresentou em torno de 40% nas interações que envolveram os membros familiares pai, mãe e Hélio. Quando a interação é com o filho mais novo, este percentual foi de somente 12% nas interações Pai-Antônio e Hélio-Antônio e 20% da Mãe-Antônio. No entanto, quando é o filho mais novo que se comporta, este apresentou percentual de 20% na interação Antônio-Pai e 35% nas interações Antônio-Mãe e Antônio-Hélio. Assim como citado com a categoria Desaprovação, a Solicitação ocorreu com mais alta frequência do membro mais velho para o membro mais novo, com exceção da interação entre Pai e Hélio, cujos percentuais foram igualmente 27%.

As categorias Ironia e Orientação somente aparecem nas interações do membro mais velho para o mais novo, com exceção da categoria Ironia na interação entre Pai e Mãe, cujos percentuais foram semelhantes (1,5%). No entanto, é importante ressaltar que a Ironia apresentou percentuais mais altos na interação Pai-Hélio (10%). As Verbalizações Mínimas de Afirmação (VMA) e Negação (VMN) foram mais frequentemente emitidas por Antônio em todas as suas interações, mantendo-se, em geral, em 5%, mas a categoria VMA também apresentou esse percentual nas interações Pai-Mãe e Hélio-Pai (emitindo apenas as VMA). A categoria Resposta à Solicitação também foi mais frequente nas interações de Antônio com os demais membros familiares, em torno de 25%. Entretanto, nas interações Pai-Mãe e Hélio-Mãe esta categoria correspondeu a 14% das interações. Nas demais interações, com exceção das díades Mãe-Pai e Hélio-Pai (nas quais esta categoria não ocorreu), os percentuais foram em média 4,5%. A décima categoria a ser analisada é Solução de Problemas, que apresentou maior frequência em três das seis díades formadas com o pai – Pai-Mãe, Pai-Hélio, Hélio-Pai – e ainda, entre os irmãos Antônio-Hélio (em torno de 10% das interações), mas se manteve em torno de 4% nas demais díades.

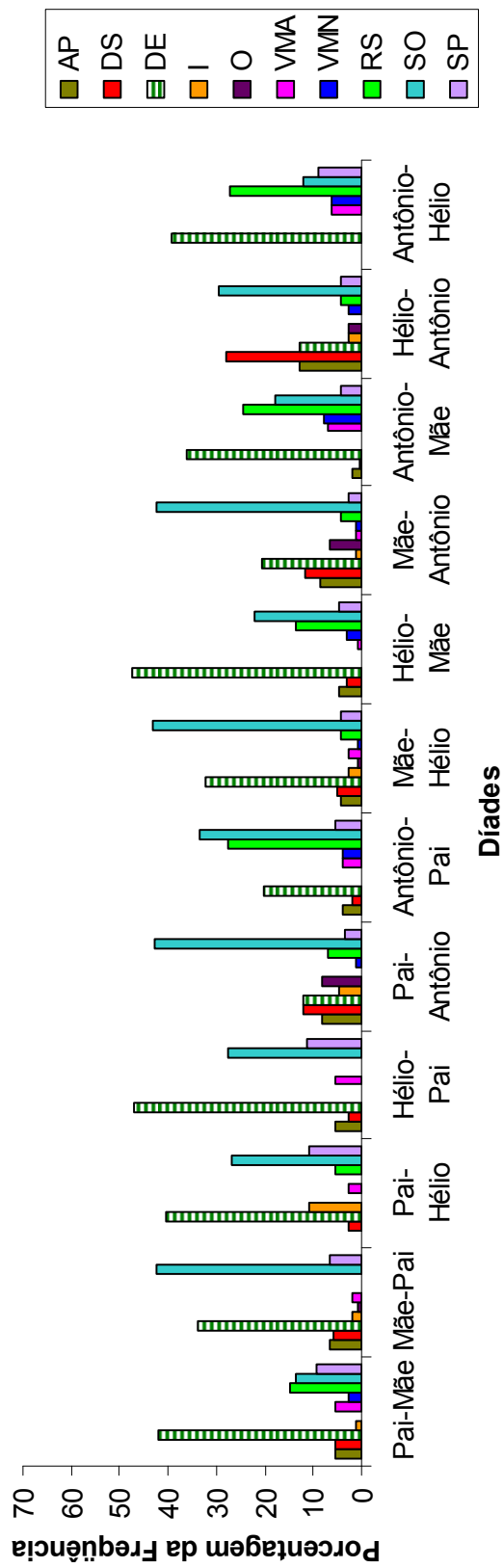


Figura 5. Porcentagem da frequência das categorias comportamentais da Família 1 em função das relações entre as 12 díades familiares.

Família 2

A Família 2, como apresentado na Figura 6, é composta pela mãe (34 anos) e quatro filhos (Gabriel, Marcos, Igor e João de 15, 10, 7 e 4 anos, respectivamente) e foi exposta às mesmas condições experimentais que a Família 1. No entanto, devido a problemas no sistema de áudio, somente as quatro primeiras sessões serão analisadas. Além disso, o filho mais velho (Gabriel) não pôde participar das três últimas sessões – LB2, CB e LB3 – devido a aulas de reposição na escola.

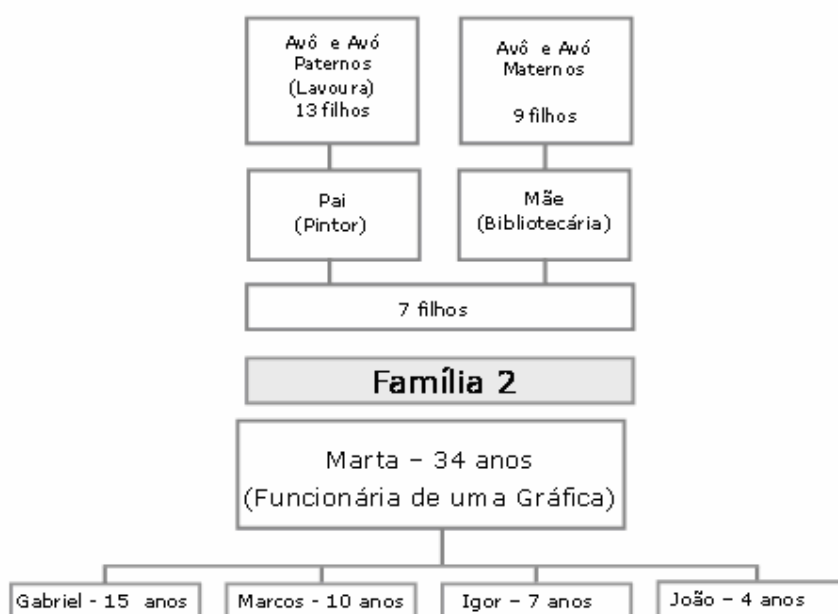


Figura 6. Genealogia da Família 2.

Marta trabalha durante o dia, mas tenta estar com os filhos durante o almoço e no período noturno. Ela avaliou que sua infância não foi muito boa, não havendo diálogo com seus pais – o pai era muito afastado e lembra-se da mãe com brigas constantes. Como filha, seus comportamentos inapropriados eram corrigidos por meio da punição física e nunca havia elogios para os comportamentos apropriados. Relatou ainda que aprendeu que mulher tem que se comportar bem, se sentar direito e ficar dentro de casa. Ao comparar-se com os irmãos relata que estes tiveram maior liberdade. Em sua relação com os filhos raramente utiliza

punição física e não sabe se o faz porque seus pais sempre puniam os filhos desta forma. Portanto, o bater apenas está presente quando é um caso muito sério. Quanto aos comportamentos apropriados, sempre elogia, beija, abraça, faz festa, com música e dança (ver Tabela 4).

Tabela 4. Tabulação da entrevista com Marta.

Rotina	
Avaliação da vida profissional	Corrida
Dia-a-dia	Trabalha de 8:00 às 07:00 durante a semana e vai para a casa da sogra ou da mãe no fim de semana
Tempo com os filhos - Durante a semana	Antes de sair para o trabalho, no horário de almoço e quando chega do trabalho
- Fim de Semana	Todo o tempo disponível
Dificuldades na educação dos filhos	Acompanhar o rendimento na escola
Infância	
Avaliação da infância	Não foi boa
Participação do pai	Muito afastada
Participação da mãe	Brigava muito
Correção de comportamentos inapropriados	Sempre apanhava
Comportamentos apropriados	Não lembra de haver elogios
Avaliação da participação do pai e da mãe	Faltou um pouco mais de atenção
Manteria ou mudaria o acompanhamento que recebeu	Mudaria, busca estar mais presente, ter mais contato com os filhos
O Ser Mãe	
Conceito de pai	O homem tinha mais liberdade dentro de casa
Conceito de mãe	É aquela que fica em casa, cuida dos filhos
Conceito de criança	Não podia dar opinião nas conversas dos adultos
Conceito de família	Família é eterna
Como considera estes conceitos hoje	Concorda com esta forma de ver os papéis familiares
Ser Mãe	“Ser mãe é ser um anjo da guarda do filho, tentar ajudar, fazer ele feliz, fazer com que ele entenda as coisas. Eu acho o máximo ter filhos, se eu pudesse tinha doze...”
Como era antes do nascimento dos filhos	Imaginava que seria uma mãe tradicional, que fica em casa, que cuida do filho, mas desde muito cedo teve que ser pai e mãe ao mesmo tempo do primeiro filho e depois que o segundo marido faleceu, teve que novamente tomar para si o papel de pai e mãe
Avaliação do relacionamento com os filhos	São bons, busca ser amiga dos filhos
Correção de comportamentos inapropriados	Às vezes bate, mas procura sempre conversar
Comportamentos apropriados	Sempre usa de elogios, abraços e beijos

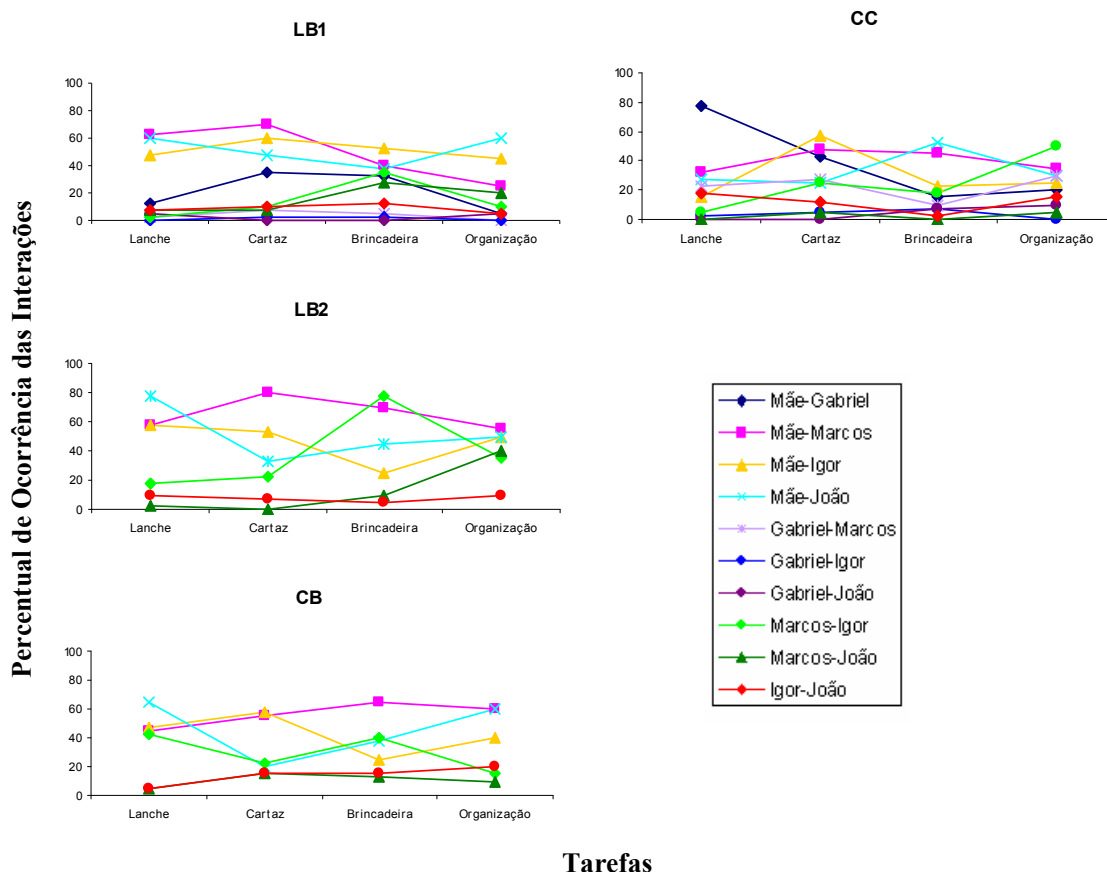
A Família 2, assim como a Família 1, se avaliou como um modelo tradicional de família brasileira, apresentado na Condição B. Segundo Marta, em geral a mulher é a maior responsável por tudo que ocorre dentro de casa, incluindo os filhos, embora avalie que o homem e a mulher devam assumir tarefas domésticas, enfatizando que o homem deveria ajudar e que é importante a sua participação. Para ela, atualmente, é muito difícil encontrar um homem que apresente esta participação no contexto familiar – eles não querem dar assistência ou ter a responsabilidade de cuidar dos filhos, atribuindo à mãe esta responsabilidade. O filho Marcos (10 anos) relatou que a mulher deve cuidar das tarefas

domésticas, enquanto o homem descansa deitado no sofá. Marta questionou esta posição do filho perguntando se era assim que ele trataria sua futura mulher. Igor, de 7 anos, concordou com Marcos que o homem é responsável por sustentar a família, mas segundo ele, se sua futura esposa quiser trabalhar ele não se oporá.

A Figura 7 apresenta o percentual de ocorrência das interações dos membros da Família 2 na LB1, CC, LB2 e CB. Nas duas primeiras tarefas da LB1, os mais altos percentuais de interações foram entre a mãe e três dos quatro filhos (Marcos, Igor e João), com média em torno de 55%. A interação entre a mãe e o filho mais velho (Gabriel) foi de 12,5% na tarefa Lanche, durante a qual o filho ouviu música em um aparelho de MP3 e, apesar do aumento para 35% no Cartaz, o percentual continuou abaixo das interações da mãe com os demais filhos. Ao considerar as interações entre os irmãos, observa-se que nas duas primeiras tarefas foram abaixo de 10%. Na Brincadeira, as interações da mãe com os filhos se mantiveram altas, principalmente com Marcos e Igor (10 e 7 anos, respectivamente). Além disso, as interações entre os três irmãos mais novos foram aumentadas nesta tarefa. Na Organização da Sala, as interações foram mais frequentes entre a mãe e os dois filhos mais novos, seguida pelas interações Mãe-Marcos (25%) e Marcos-João (20%). Na Condição C, as interações da mãe com os filhos foram, em sua maioria, as mais altas, em todas as tarefas, com exceção da interação Mãe-Igor no Lanche (15%), Mãe-João no Cartaz (25%) e Mãe-Gabriel na Brincadeira (15%). Com relação às interações entre os irmãos, as ocorrências mais altas foram entre Gabriel e Marcos nas duas primeiras tarefas (em torno de 25%), Igor-João no Lanche (17,5%) e Marcos-Igor no Cartaz (25%), na Brincadeira (17,5%) e na Organização da Sala (50%).

Na LB2 e na Condição B, o padrão de interação se manteve com os mais altos percentuais de ocorrência entre mãe e filhos em todas as tarefas. No entanto, observa-se que nas duas sessões, durante o Cartaz, a mãe apresentou uma diminuição na sua interação com

João quando comparado aos outros filhos e esta diminuição também ocorreu na interação Mãe-Igor na Brincadeira. Quanto às interações entre os irmãos, Marcos-Igor novamente apresentou altos percentuais de ocorrência em todas as tarefas, na Brincadeira da LB2 foi de 77,5% e de 40% na Condição B. Nesta condição, as interações entre Marcos-João e entre Igor-João ficaram em torno de 15% nas três últimas tarefas.



Tarefas

Figura 7. Percentual de Ocorrência de Interações da Família 2 nas tarefas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala nas sessões Linha de Base 1 (LB1), Condição B (CB – Família Tradicional), Linha de Base 2 (LB2), Condição C (CC – Família Contemporânea) e Linha de Base 3 (LB3).

Na Figura 8 são apresentados os percentuais totais de ocorrência das interações da Família 2 nas sessões LB1, CC, LB2 e CB. O percentual das interações entre Mãe-Igor e entre Mãe-João permaneceu em torno de 50% nas duas linhas de base, 30% na CC e 40% na CB. Já o percentual de ocorrência da interação entre Mãe-Marcos foi a mais alta em todas as sessões, variando entre 40% na CC e 67% na LB2. Ao comparar a primeira (CC) e a segunda condição

(CB) observa-se nesta um aumento das interações, o que não foi mostrado pela Família 1, ao ser exposta às Condições B e C. Durante a participação do filho mais velho nas sessões experimentais, as interações entre a mãe e Gabriel aumentaram da LB1 para a CC, de 23% para 41%. Quanto às interações de Gabriel com os irmãos, baixos percentuais de ocorrência foram registrados entre Gabriel-Igor (abaixo de 5%) e Gabriel-Marcos (4% na LB1, com aumento na CC de 21%). Entretanto, quanto ao filho mais novo, os percentuais de ocorrência de interações entre João e os irmãos se mantiveram abaixo de 15% em todas as sessões. Novamente, como citado anteriormente, Marcos e Igor foram os irmãos que mais interagiram nas quatro sessões experimentais, na LB1 e na CC, o percentual foi de aproximadamente 17%, aumentando para 38% na LB2, com pequena diminuição na CB (32%).

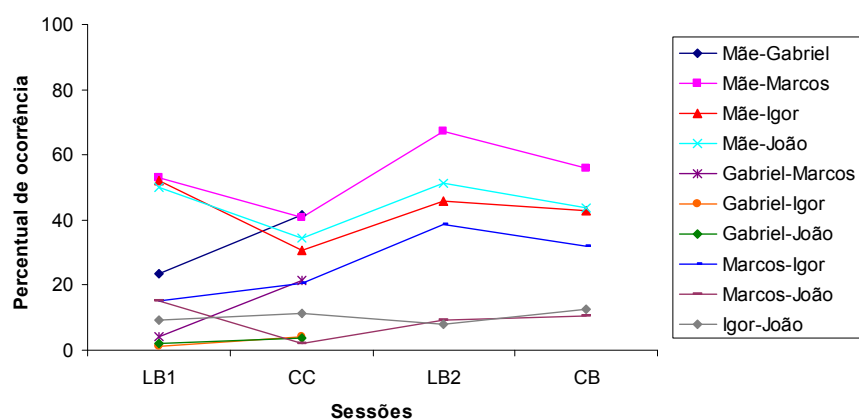


Figura 8. Percentual Total de Ocorrência de Interações da Família 2 nas sessões Linha de Base 1, Condição C, Linha de Base 2 e Condição B.

As Figuras 9 e 10 apresentam as categorias comportamentais da Família 2. Na Figura 9 estão as categorias agrupadas de acordo com cada tarefa da sessão. A Aprovação, Ironia, Orientação, Verbalizações Mínimas de Afirmação e Sem Interação se mantiveram abaixo de 5% em todas as tarefas. No entanto, houve pequenas variações que devem ser consideradas, tais como: a Aprovação é mais freqüente durante a tarefa do Cartaz, a Orientação só está presente no Lanche e na Brincadeira e não há a categoria Sem Interação na tarefa Organização da Sala. Três categorias também apresentaram baixos percentuais – Verbalizações Mínimas

de Afirmação, Respostas à Solicitação e Solução de Problemas, as quais variaram de 2% a 12%, sendo a última categoria a única a alcançar a mais alta porcentagem de frequência. Entre as duas categorias mais frequentes estão a Descrição e a Solicitação. A primeira se manteve em torno de 45% nas três primeiras tarefas e diminuiu para 28% na Organização da Sala, e a Solicitação se manteve em torno de 29% no Lanche e na Brincadeira e subiu para 36% no Cartaz e 33% na Organização da Sala. A categoria Desaprovação se manteve em torno de 4% nas três primeiras tarefas, mas aumentou para 8% durante a Organização da Sala.

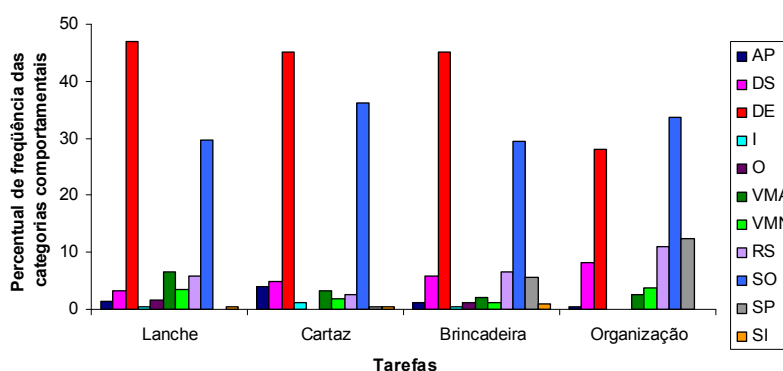


Figura 9. Porcentagem da Frequência das Categorias Comportamentais da Família 2 agrupadas de acordo com as tarefas: Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala.

As porcentagens das frequências de cada categoria, para as díades da Família 2 é apresentada na Figura 10. Um total de 20 díades foi formado pela mãe e seus quatro filhos (Gabriel, Marcos, Igor e João). A descrição desta figura será desenvolvida a partir das categorias mais frequentes para as díades envolvendo a mãe e os quatro filhos. A Solicitação e Descrição se destacam ao lado da Resposta à Solicitação, sendo esta específica a Igor-Gabriel. Ao observar a relação da mãe com os filhos, observa-se que ela utilizou com mais alta frequência a Descrição e a Solicitação, o que também ocorreu entre os irmãos. Assim, a Solicitação e Descrição foram as categorias de mais alta porcentagem para 12 e 18 das 20 díades, respectivamente. Vale ressaltar que nas interações entre os irmãos, em geral há um aumento de outras categorias que se mantiveram acima de 5%, tais como Solução de Problemas (à exceção da interação de Gabriel-Igor), Verbalizações Mínimas de Afirmação

nas díades Marcos-Gabriel e Marcos-Igor e Verbalizações Mínimas de Negação na díade Gabriel-Marcos. A Ironia ocorreu somente nas díades Marcos-Igor (4%), Gabriel-Mãe (2%), Mãe-Marcos (2%) e Marcos-Mãe (0,5%) e a Orientação ocorreu 2% nas interações entre a mãe e os três filhos mais novos e entre Marcos e Igor. A Desaprovação se manteve abaixo de 10% para todas as díades com exceção da interação Gabriel-João (25%), João-Gabriel (25%), Marcos-João (25%) e Gabriel-Igor (50%). A Aprovação se manteve em torno de 2,5% na grande maioria das díades, mas não ocorreu nas interações dos demais membros familiares para o Gabriel e vindas do João e se mantém em 25% na díade Gabriel-João.

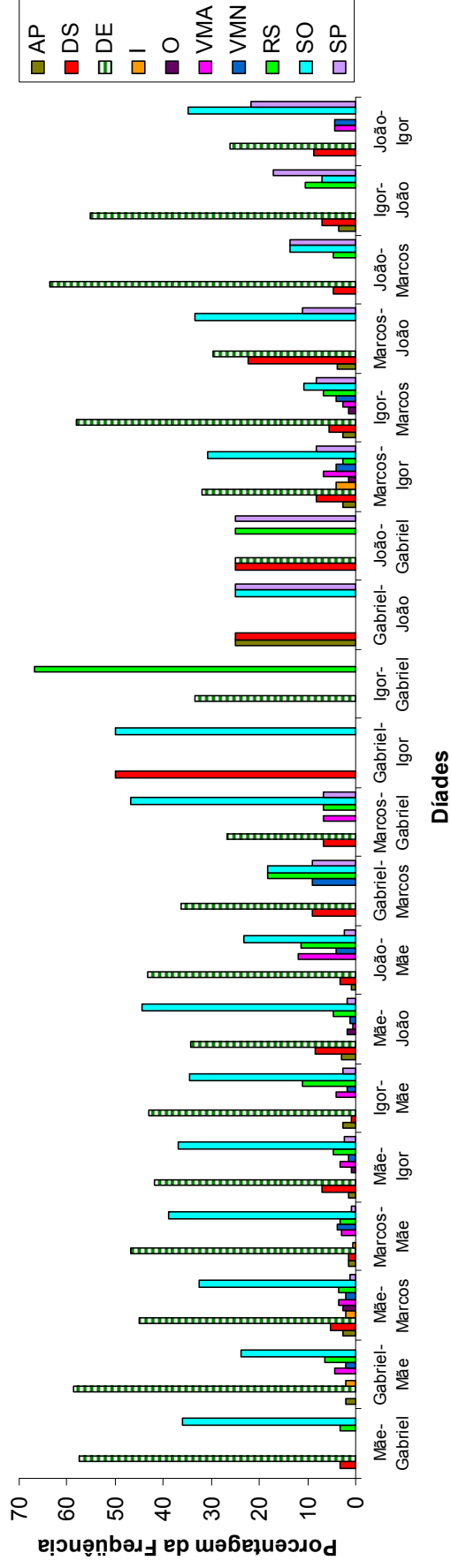


Figura 10. Porcentagem da frequência das categorias comportamentais da Família 2 em função das relações entre as díades familiares.

DISCUSSÃO

Este trabalho possibilitou analisar as interações entre os membros familiares em tarefas análogas à rotina familiar, além dos dados relativos a um recorte da história das duas famílias, envolvendo especialmente partes da história de vida dos pais com sua família estendida e a rotina familiar. A seguir serão apresentadas as interações entre os membros familiares no transcorrer das cinco sessões experimentais e as relações de cada família com o contexto social mais amplo, incluindo as mudanças sociais ocorridas no Brasil, buscando identificar metacontingências.

A presença de todos os membros de uma determinada família dentro do laboratório permite que se ampliem as análises sobre as relações sociais familiares para o estudo de diversos fenômenos comportamentais. Por exemplo, o estudo do desenvolvimento infantil, que durante muito tempo se restringiu ao estudo da díade mãe-criança (Rossetti-Ferreira, 2006), pode ser beneficiado pelo estudo dos efeitos da interação de todos os membros familiares sobre o desenvolvimento de determinados repertórios comportamentais da criança, pois os comportamentos do pai e de outros irmãos junto da mãe podem ocasionar padrões comportamentais que talvez de outra forma não fossem possíveis verificar. Além disso, as situações experimentais, baseadas em tarefas análogas presentes no dia-a-dia da família, podem ocasionar comportamentos semelhantes àqueles emitidos no ambiente natural. Gabriel (Família 2), por exemplo, na primeira sessão estava ouvindo música e esse comportamento pode ser um indício do que ocorre em sua própria casa, uma estratégia de interação com sua família em outros contextos, ou ainda, uma estratégia de interação em novos ambientes. No entanto, na tarefa seguinte, a participação de Gabriel foi ativa, no sentido de cooperar com a família na finalização do Cartaz. A situação de laboratório não parece ter sido aversiva para as famílias. Todos os familiares, em geral, participaram das tarefas propostas não tendo faltas às sessões experimentais tampouco atrasos. Ademais, um dos participantes, Hélio (Família 1),

relatou ter gostado de participar da pesquisa porque poderia interagir mais com seu pai.

A seguir serão apresentadas sínteses das interações em cada uma das tarefas programadas – Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala. Posteriormente, os valores de cada núcleo familiar serão analisados, envolvendo suas respectivas famílias estendidas. Os dados serão interpretações a partir de contingências entrelaçadas e produtos agregados – as metacontingências presentes na evolução da família, utilizando os dois grupos familiares da região centro-oeste do Brasil.

O Lanche foi a primeira tarefa análoga utilizada neste estudo, presente no cotidiano de uma família. As práticas de alimentação têm um aspecto social fundamental na vida do indivíduo, pois desde o nascimento o alimento é apresentado na presença de uma outra pessoa (Heller, 2004). Em todas as idades a criança está em contato direto com seus pais ou cuidadores ao ser alimentada. Na amamentação o bebê mantém contato com o corpo da mãe, e posteriormente, continuará a manter encontros com os pais durante as refeições, quando importantes decisões podem ser adotadas pela família. As interações da mãe com os filhos tiveram algumas características que devem ser consideradas. A tarefa Lanche favoreceu as interações entre a mãe e o filho mais novo (ver Figuras 2 e 7). Tais interações envolviam, em geral, o auxílio na tarefa, para evitar, por exemplo, que a criança derramasse o suco ou que sujasse a sala, enquanto as interações entre os pais e os demais filhos envolveram diálogos sobre eventos ocorridos no cotidiano de cada família, nos últimos dias. O comportamento social foi observado em todas as tarefas. Este comportamento se refere ao comportamento de uma pessoa em relação a outra ou de todas as pessoas em relação ao ambiente comum (Skinner, 1953/1985). O caráter social da alimentação na tarefa Lanche é observado nas categorias comportamentais com altas frequências de Descrição e Solicitação, que envolvem, respectivamente, a descrição de estímulos ou comportamentos presentes no ambiente e perguntas ou pedidos a um membro familiar.

A tarefa do Cartaz favoreceu interações entre os membros mais velhos, na Família 1 Mãe-Hélio (o filho mais velho de 12 anos) e na Família 2, na LB1, a Mãe-Gabriel (o filho mais velho de 15 anos), seguida por Mãe-Marcos e Mãe-Igor (ver Figuras 2 e 7). A influência do sistema escolar sobre a família pode ser observada ao considerar que a idade de 6 anos é crítica no processo de alfabetização. Embora se considere que toda a história de vida da criança desde tenra idade seja parte integrante do processo de alfabetização, em geral, o acompanhamento sistemático da família, das atividades acadêmicas regulares, ocorre por volta dos 6 anos de idade. Assim, quando foi solicitado aos pais que fizessem uma tarefa acadêmica com seus filhos, eles recorreram aos filhos mais velhos com domínio da leitura e escrita. Os vídeos das sessões mostram que as interações estabelecidas entre os pais e os filhos mais novos nesta atividade não se referiam propriamente à tarefa, mas a outros estímulos presentes ou não no ambiente, tais como discussões acerca das figuras presentes nas revistas. As categorias comportamentais mais freqüentes no Cartaz foram também Solicitação e Descrição, no entanto, na Família 1 há uma inversão da freqüência destas duas categorias quando comparada à primeira tarefa (com aumento da SO e diminuição da DE, do Lanche para o Cartaz, apresentados na Figura 4) e na Família 2 a freqüência de SO diminuiu e a DE aumentou (ver Figura 9). É importante destacar que nas duas famílias a categoria Desaprovação (DS) teve sua freqüência aumentada quando comparada às outras tarefas analisadas, como mostrado nas Figuras 4 e 9. Entretanto, na Família 2, a mais alta porcentagem de DS foi emitida na tarefa de Organização.

A tarefa da Brincadeira, por sua vez, favoreceu interações entre os irmãos que se mantiveram, de modo geral, baixas nas demais tarefas. Durante a Brincadeira, os irmãos se uniram para brincar com os objetos da caixa, no entanto, os irmãos mais velhos se engajaram em brincadeiras diferentes dos irmãos mais novos. Os primeiros se interessaram pelos jogos e pelos Blocos de Engenheiro e os segundos pelos móveis de madeira e pelos fantoches. Os

fantoches foram estímulos que propiciaram interações que reproduziam padrões comportamentais da família, além de permitirem que um determinado membro familiar exercesse as funções de outro membro. Na Família 1, por exemplo, Antônio nomeou um dos fantoches de *Família* e brincou com ele em quatro sessões. Na Linha de Base 3, Antônio, na função de pai, castigou Hélio por ter derrubado a mesa de brinquedo, e segundo ele só o pai pode derrubar porque o pai manda na criança. Na Família 2, Marta e João também brincaram com os fantoches dando-lhes o nome de seus próprios membros familiares.

Na Análise do Comportamento, o desenvolvimento humano é definido como mudanças progressivas nas interações entre o comportamento de um indivíduo e o ambiente no qual ele está inserido desde o seu nascimento até a sua morte (Bijou, 1995), existindo comportamentos que possibilitam ao indivíduo contato com novos ambientes, são as chamadas cunhas comportamentais. O que define um determinado comportamento como uma cunha comportamental são as interações que são favorecidas ao indivíduo que se comporta e, quando uma cunha é adquirida, se torna provável, ou mais fácil, a mudança de um conjunto de comportamentos importantes para o indivíduo (Rosales-Ruiz & Baer, 1997). O comportamento de brincar pode ser definido como uma cunha comportamental ao permitir que novas interações do indivíduo com o meio emergjam a partir desse comportamento (De Rose & Gil, 2003). Os fantoches permitiram que Antônio emitisse comportamentos semelhantes àqueles emitidos pelo pai em casa. Com relação às categorias comportamentais, a Descrição e a Solicitação foram as mais frequentes, entretanto, a frequência das demais categorias mostrou um pequeno aumento em relação às tarefas de Lanche e Cartaz, e este aumento foi mais claro na última tarefa de Organização (ver Figuras 4 e 9). No entanto, ao contrário do que se pode esperar, a categoria Aprovação não se destacou como uma categoria frequente na Brincadeira, nas interações entre os irmãos.

Na tarefa de Organização da Sala, o registro em vídeo possibilitou observar que todos

os membros interagiram buscando alcançar o objetivo proposto no menor tempo possível. Assim, foi atribuída, por parte de cada família, a cada sessão experimental, uma área que cada membro familiar deveria organizar. Por exemplo, na Família 1 os filhos arrumavam a mesa de lanche enquanto os pais arrumavam os brinquedos. Há uma diminuição na categoria Descrição, pois a atividade não favorece interações verbais vocais e há um aumento nas categorias Solicitação, Resposta à Solicitação e Solução de Problemas. Os participantes pediam uns aos outros que organizassem determinados objetos, além de se unirem em pares para organizá-los (ver Figuras 4 e 9).

O percentual total de ocorrências das interações entre os membros familiares mostrou algumas alterações entre as cinco sessões (LB1, CB, LB2, CC e LB3). A introdução do texto sobre a família tradicional para a Família 1, na primeira condição (CB), foi seguida pelo aumento de interações entre Mãe-Hélio, Pai-Antônio e entre os irmãos Hélio-Antônio. Entretanto, na segunda condição, com o texto da família contemporânea (CC), observa-se aumento nas interações entre Mãe-Antônio e Pai-Antônio, de LB2 para CC (ver Figura 3). A Família 2 mostrou resultados diferentes com a exposição inicial a CC seguida por CB. O aumento das interações de LB1 para a primeira condição (CC) foi apresentado de forma mais acentuada para duas das dez díades presentes nesta condição – Mãe-Gabriel, Gabriel-Marcos – e com menor inclinação das curvas para outras três díades – Marcos-Igor, Igor-João e Gabriel-João. Ao comparar as duas famílias, é interessante observar que, em geral, o total de interações entre as condições CB e CC foram semelhantes. Entretanto, enquanto na Família 1 a LB2 produziu diminuição em muitas das interações, na Família 2 produziu um claro aumento. Portanto, os modelos de família brasileira apresentados aos participantes deste estudo produziram na Família 1 aumento nas interações (ver Figuras 3 e 8). Cabe ressaltar que nas discussões após a apresentação dos modelos de família os participantes não abordaram as características das famílias presentes nos dois textos, mas compararam seus respectivos

modelos familiares e valores com os modelos familiares apresentados. Na Família 2, Marta leu o texto sobre a família contemporânea para os filhos e perguntou-lhes se em casa o pai a ajudava nas tarefas domésticas, ao que Gabriel respondeu que apenas em poucas vezes.

A análise das categorias comportamentais em função das interações entre as díades familiares presentes nas Figuras 5 e 10, mostram que, em geral, os filhos mais novos apresentaram as mais altas frequências de Verbalizações Mínimas de Afirmação e Negação. Este resultado talvez se deva ao nível de desenvolvimento verbal dos participantes mais novos. Crianças pequenas ainda não apresentam um repertório verbal vocal que lhes permitam emitir comentários mais extensos sobre as situações presentes no ambiente, assim, elas restringem seus relatos a frases curtas de afirmação e negação, tais como: “não pode”, “não gosto”, “sim”, “pode ser”, além da possibilidade de não emitirem qualquer comentário verbal vocal acerca da situação e responderem somente com acenos de cabeça, sendo esta uma das respostas mais comuns. É possível que essas análises sejam aplicadas também à categoria Ironia, presente apenas entre os participantes maiores de 10 anos, já que para a emissão destes comportamentos verbais é necessário o treino de respostas que satirizam problemas cotidianos ou questões práticas (Hübner, Miguel & Michael, 2005).

Outro objetivo deste trabalho é analisar as práticas culturais familiares por meio do conceito de metacontingência. Assim, as interações dos membros familiares participantes dessa pesquisa serão consideradas inferindo-se as relações de metacontingências – a matriz de contingências entrelaçadas, envolvendo dependência funcional, o produto cultural em longo prazo e o sistema receptor – a partir dos dados obtidos neste estudo e da literatura apresentada considerando a família em diferentes áreas de estudo como a Antropologia, Educação e Sociologia.

Nas duas famílias, as mães relataram que apesar de trabalharem fora de casa, ainda assumem o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas, o que pode explicar as altas taxas de

ocorrência das interações das mães com os filhos, em ambas as famílias. As contingências entrelaçadas envolvendo freqüentemente comportamentos emitidos pelas mães e os filhos representam uma configuração da família tradicional. Entretanto, observa-se também a presença de comportamento verbal que sinaliza a valorização de uma mudança em busca de maior participação ou envolvimento da figura paterna no contexto doméstico. Na Família 1, a mãe (Virgínia) e o filho mais velho (Hélio de 12 anos) mostraram que o pai ainda é um membro familiar relativamente ausente na rotina doméstica, no cotidiano dos filhos. Diante de conflitos domésticos, ele se mostrava irritado e, em geral se esquivava de analisar ou buscar soluções. Hélio relatou que os castigos eram determinados pelo pai, enquanto a mãe cuidava das tarefas domésticas. Na Família 2, a mãe (Marta) considerou difícil encontrar um homem que divida efetivamente as tarefas domésticas com a esposa. Marta mostrou também a manutenção de valores de sua família estendida, tais como – a mulher deve permanecer em casa – o que já era utilizado também pelos seus filhos, Marcos e Igor. Os filhos concordaram que o homem deveria ser o provedor e a mulher aquela que assumiria as tarefas domésticas.

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como o Código Civil regulamentarem que ambos os pais são responsáveis pela educação e sustento dos filhos, ainda se observa que esta responsabilidade não é compartilhada, ou seja, ao pai cabe o sustento financeiro e à mãe a educação dos filhos. Diversas contingências comportamentais entrelaçadas mantêm esta dicotomia das funções parentais como: (1) o modelo oferecido aos pais pelas suas respectivas famílias de origem – os comportamentos dos avôs e avós podem se tornar uma ocasião para a emissão de comportamentos dos pais participantes da pesquisa e estes comportamentos podem também ter a função de reforçar o comportamento de seus próprios pais (na Família 1 – Virgínia e Francisco – e na Família 2 – Marta – relataram na entrevista que durante a infância os pais estavam ausentes porque trabalhavam muito e às mães foram atribuídas a tarefa de educação dos filhos); e (2) a transmissão dos valores das

respectivas famílias estendidas para a família nuclear – o comportamento dos pais participantes da pesquisa pode se tornar uma ocasião para o comportamento dos filhos (na Família 1, Hélio questionou o fato da mãe ter que limpar a casa, além de queixar-se da ausência do pai. Entretanto, na Família 2, Marcos considera que o homem deve descansar quando está no ambiente doméstico enquanto a mulher limpa a casa).

Estudos recentes mostram que a procriação ainda tem maior peso sobre a mulher. Ao considerar o impacto econômico após o nascimento dos filhos, Scorzafave (2004) mostra que quanto maior o número de filhos, menor é a participação da mulher no mercado de trabalho. Apesar das regulamentações legislativas e da insatisfação das mulheres ao cumprirem duplas jornadas de trabalho – dentro e fora de casa, sem a participação do marido na divisão das tarefas domésticas – essa prática cultural continua sendo mantida em muitas famílias. Na história de evolução da família, a mulher pode também apresentar posições inconsistentes como Marta, ao valorizar a permanência da mulher em casa. Isto pode, por sua vez, conduzir os filhos a valorizarem a atuação social da mulher no espaço doméstico, enquanto a atuação do homem é atribuída a um contexto social mais amplo, para além do grupo familiar, conduzindo sua carreira profissional. Assim, segundo Skinner (1981), algumas práticas culturais se mantêm por longos períodos de tempo ou porque novas variações, ou seja, novas formas de comportamento, não apareceram ou aquelas que apareceram não foram selecionadas por contingências de reforçamento ou de sobrevivência do grupo.

As histórias familiares dos pais, nas Famílias 1 e 2, mostram que nas respectivas famílias estendidas o modelo familiar tradicional era dominante, especialmente nas práticas educativas com os filhos – alta punição, baixo reforçamento, freqüente acompanhamento materno e ausência paterna na rotina doméstica. Os relatos dos pais mostram que estes alteraram suas práticas educativas ao diminuírem a punição e aumentarem o acompanhamento da rotina de seus filhos. Porém, o aumento de reforçamento dos comportamentos dos filhos

citado também como uma das modificações nas práticas educativas por eles adotadas não foi observado por meio da categoria de Aprovação, a qual teve baixa ocorrência.

A diversidade de metacontingências que definem diferentes configurações familiares é um outro aspecto dos dados obtidos neste estudo, o qual distancia a estrutura física das famílias recrutadas do modelo familiar tradicional presente nas leis governamentais brasileiras, ou seja, pai, mãe e filhos biológicos. A diversidade na composição das famílias participantes é mostrada pela presença de um filho adotivo na Família 1. Porém, é na Família 2 que se encontra um número maior de fatores como o recasamento e a viuvez da mãe, além da presença de meio-irmãos, ou irmãos só por parte de mãe. Portanto, é necessário no estudo da família se considerar os diferentes arranjos familiares possíveis, incluindo a presença de pais heterossexuais ou homossexuais. Apesar da Constituição não permitir a união legal de casais homossexuais, a possibilidade de adoção de crianças por esses casais tem sido considerada no sistema brasileiro de adoção. No Brasil já existem registros de casais homossexuais que adotaram crianças com ambos os cônjuges tendo os mesmos direitos e deveres sobre a criança (L. Marques, comunicação pessoal, 06 de novembro de 2007).

A configuração familiar, como contingências comportamentais entrelaçadas presentes nos grupos familiares, tem sido exposta a mudanças ocasionadas por transformações nos valores sociais e nas leis que regulamentam o convívio familiar. A formação hegemônica do início do século XX – pai, mãe e filhos biológicos (Turkenicz, 2006) – já não é mais tão presente devido a diversas mudanças sociais, tais como: (1) a Lei do Divórcio que possibilita o surgimento de um maior número de famílias monoparentais e de famílias reconstituídas; (2) o Código Civil, regulamentando que a união estável tem o mesmo valor legal que a união civil; (3) o respeito da escola pela diversidade familiar, acolhendo todas as crianças com seus diferentes arranjos familiares – o dia das mães e dos pais têm sido substituídos pelo dia da família; (4) o gradual respeito e aceitação, pela sociedade brasileira, das diferentes

configurações familiares – casais que se casam após a consolidação profissional e que, portanto, adiam o casamento e os filhos; casais que escolhem ter apenas um filho, ou ainda, não tê-los; e casais homossexuais (e.g., Postman,1995/2002); (5) o avanço da ciência permitindo que casais possam decidir quando nascerão os filhos e quantos serão, além da maior longevidade (e.g., Biglan, Metzler, Fowler, Gunn, Taylor, Rusby & Irvine, 1997), e (6) os avanços tecnológicos, especialmente no universo midiático, apresentando diferentes configurações familiares e seus conflitos (e.g., Mendizabal, 2005; Carlsson & Feilitzen, 1999). Assim, o sistema receptor – governo, mídia, escola, ciência – começa a selecionar outras contingências comportamentais entrelaçadas, ou seja, outras configurações familiares.

Ao interpretar as contingências entrelaçadas envolvendo os comportamentos dos membros familiares é importante identificar os elementos centrais do conceito de metacontingência. As contingências comportamentais entrelaçadas de reforçamento envolvendo os membros familiares resultam em um produto cultural em longo prazo – o sucesso da família na solução de seus problemas (ver Skinner, 1981). Exemplos de produtos agregados poderiam ser: a preservação da família, a educação dos filhos e a administração de despesas domésticas. Entre estas é possível citar a aquisição de bens duráveis, tais como casa, carros; investimentos em viagens, aposentadorias e formação profissional de todos os membros familiares. Estes produtos agregados selecionam, por sua vez, as contingências comportamentais entrelaçadas que envolvem diferentes operantes e membros familiares, intra e inter-gerações. Vale ressaltar que essas conseqüências em longo prazo, os produtos agregados, que agem sobre as contingências comportamentais entrelaçadas dos membros familiares ocorrem em um sistema receptor que os fortalecem. O sistema receptor de metacontingências familiares pode ser definido por comunidades do Brasil que ainda mantêm configurações familiares que demandam maior participação da mulher no contexto familiar, quando comparado à participação de seus parceiros.

Assim, o modelo de metacontingência utilizado nesse estudo pode ser sintetizado pela Figura 11. De acordo com esse modelo, o comportamento do pai, por exemplo, pode ser uma ocasião para o comportamento do filho que, por sua vez, pode ser conseqüenciado pelo comportamento da mãe. Essa matriz de contingências dos membros familiares se configura, assim, em contingências comportamentais entrelaçadas que são selecionadas e mantidas por um produto agregado. Esse produto agregado está inserido dentro de um meio cultural, o qual pode incluir as leis governamentais, os valores religiosos e as tradições familiares. Todo esse conjunto de relações estabelecidas é selecionado por um sistema receptor formado pelas agências de controle ou outros grupos sociais.

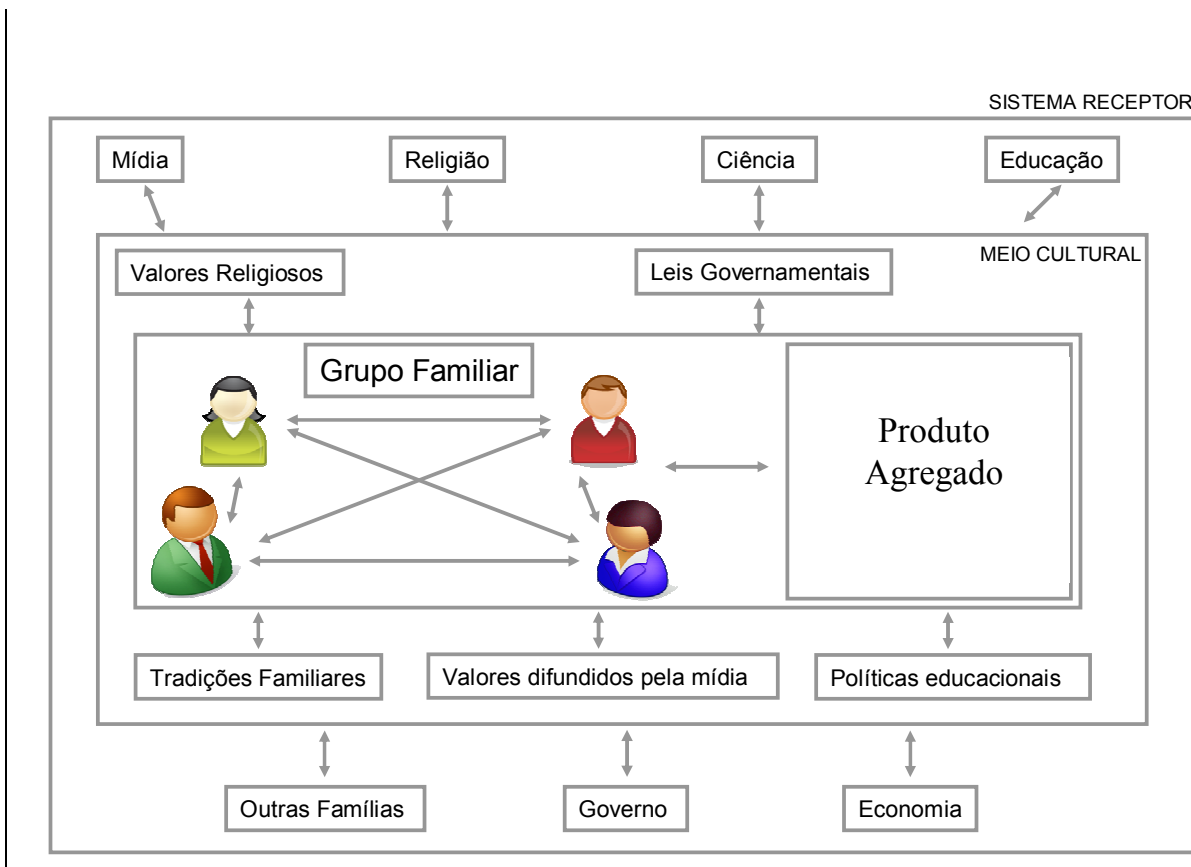


Figura 11. Modelo de metacontingência.

Ao interpretar algumas das interações familiares utilizando o conceito de metacontingências é possível estabelecer que há uma interação dinâmica e constante entre as

contingências comportamentais entrelaçadas e o produto agregado, pois esse produto cultural seleciona essas contingências comportamentais entrelaçadas, sendo ambos selecionados pelo sistema receptor (ver Glenn & Malott, 2004; Houmanfar & Rodrigues, 2006). A participação do pai nas tarefas domésticas, especialmente na educação dos filhos, é um produto agregado originado das contingências comportamentais entrelaçadas da família e da sociedade, em diferentes sistemas receptores (e.g., familiar, jurídico, de saúde, educacional, religioso e midiático). Assim, esses sistemas receptores podem selecionar contingências comportamentais entrelaçadas, e estas, por sua vez, resultarem nos mesmos ou em novos produtos agregados, determinando a evolução das práticas culturais familiares. Esse produto cultural em longo prazo – maior presença dos pais nas tarefas domésticas e educação dos filhos – pode ser selecionado tanto pelas novas legislações que estabelecem que ambos os pais são responsáveis pela educação da criança (e.g., o ECA e o Código Civil Brasileiro), quanto pelas contingências comportamentais entrelaçadas presentes em uma família (e.g., um casal no qual a mãe trabalha fora do ambiente doméstico durante todo o dia e o pai só trabalha meio período, sendo ele o responsável pela educação das crianças e tarefas domésticas).

Outro conceito utilizado pela Análise do Comportamento para estudar o fenômeno cultural é a macrocontingência. Este termo foi utilizado primeiramente por Ulman (1998) que o definiu como “um conjunto de diferentes ações (topografias), de diferentes indivíduos sob controle posterior (*postcedent*) comum. Posterior se refere a eventos que se seguem às ações” (p. 209) e pode envolver qualquer número de indivíduos ou ações coletivas – verbais ou não-verbais e públicas ou encobertas – sob o mesmo controle posterior. A partir da discussão de Ulman (1998) sobre macrocontingência, Glenn (2004) apresentou uma nova definição – macrocontingência é “a relação entre uma prática cultural e a soma agregada das conseqüências dos macrocomportamentos que constituem a prática” (Glenn, 2004, p. 142). Desta forma, na macrocontingência há um efeito cumulativo das conseqüências que envolvem

uma determinada prática cultural. No entanto, Ulman (2006) defende que macrocontingência são “ações conjuntas de dois ou mais indivíduos sob o mesmo controle de contingências” (p. 96), ou seja, é o comportamento conjunto de dois ou mais indivíduos sob o mesmo controle antecedente e conseqüente. Assim, para Ulman (2006), a metacontingência seria um tipo de macrocontingência. No entanto, o modelo de macrocontingência proposto por Glenn (2004) é o que tem sido utilizado na Análise do Comportamento (Branch, 2006; Ellis & Magee, 2007).

Portanto, os conceitos de metacontingência e macrocontingência podem ser úteis na análise dos comportamentos do indivíduo em grupo. Uma análise mais completa da evolução da família brasileira pode se beneficiar da utilização desses conceitos ao possibilitar intervenções e planejamentos culturais. O envelhecimento da população mundial, o aumento da longevidade, a competição entre as demandas familiares e profissionais, a participação de ambos os pais no mercado de trabalho, a diminuição no número de filhos são alguns dos fatores que irão selecionar novas contingências comportamentais entrelaçadas e novos produtos agregados, na evolução da família. No entanto, análises conceituais conduzidas por um conjunto maior de dados experimentais poderão contribuir efetivamente para o desenvolvimento dos conceitos de metacontingência e macrocontingência, mostrando sua utilidade.

Este trabalho teve como objetivo o estudo da família com foco sobre os participantes e sobre a inserção destes grupos em um contexto social mais amplo. No entanto, sugerem-se algumas modificações em futuras replicações como uma maior especificação das categorias comportamentais a exemplo da Descrição e da Solicitação. Nesta última, por exemplo, foram incluídos tanto comportamentos verbais que envolviam somente o pedido de um objeto (e.g., “Pega um guardanapo para mim?”) quanto comportamentos verbais que envolviam questões referentes a valores familiares (e.g., “E quando o pai não está nem aí para o filho?” – Gabriel pergunta para mãe, criticando a participação do pai). Ao analisar grupos familiares sugere-se

também uma cuidadosa análise da história dos cônjuges que interagiram com um dos membros do casal participante da pesquisa, nesse sentido, na Família 2 deveria ter sido investigado e incluído em sua genealogia o primeiro e o segundo marido de Marta. Estudos adicionais poderiam também envolver uma maior investigação acerca dos valores familiares como os valores religiosos que exercem controle sobre os padrões comportamentais de cada família. A análise de variáveis contextuais presentes nas famílias brasileiras contemporâneas também será ampliada em pesquisas adicionais com a participação de grupos familiares de outros estados da Federação, de diferentes níveis socioeconômicos, de organizações como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e de populações indígenas. A Análise do Comportamento pode contribuir para o planejamento cultural a ser desenvolvido em comunidades indígenas brasileiras, visando à proteção dos direitos das crianças dentro da família. Suzuki (2007) mostra que a diversidade cultural deve ser preservada, entretanto práticas culturais de infanticídio – o enterrar crianças vivas, amplamente utilizadas em famílias indígenas contemporâneas – devem ser interrompidas. Líderes e membros das sociedades indígenas reconhecem a dinamicidade da cultura e a necessidade de se alterar as práticas que envolvem o sacrifício de crianças (e.g., gêmeos, crianças com problemas de saúde ou filhos de mães solteiras).

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 129-147). Santo André: ESETec.
- Andrade, A. N. (1998). A criança na sociedade contemporânea: do ‘ainda não’ ao cidadão em exercício. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 161-174.
- Ariès, P. (1973/1981). *História social da criança e da família*. (D. Flaksman, trad.). Rio de

- Janeiro: LCT.
- Bailey, J. S., & Burch, M. R. (2002). *Applied behavior analysis*. California: Sage Publication.
- Bastos, A. C. S., Alcântara, M. A. R., & Ferreira-Santos, J. E. (2002). Novas Famílias Urbanas. Em E. R. Lordelo, A. M. A. Carvalho, S. H. Koller (Orgs.), *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp. 97-133). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.
- Biglan, A., Metzler, C. W., Fowler, R. C., Gunn, B., Taylor, T. K., Rusby, J., & Irvine, B. (1997). Improving childrearing in America's communities. In P.A. Lamal (Ed.), *Cultural contingencies. Behavior analytic perspectives on cultural practices* (pp. 185-213). London: Praeger.
- Bijou, S. W. (1995). *Behavior analysis of child development*. Reno: Context Press.
- Branch, M. N. (2006). Reactions of a laboratory behavioral scientist to a "Think Tank" on metacontingencies and cultural analysis. *Behavior and Social Issues*, 15, 6-10.
- Brito, L. M. T. (2005). De "Papai sabe tudo" a "como educar seus pais". Considerações sobre programas infantis de TV. *Psicologia & Sociedade*, 17, 17-28.
- Caldana, R. H. L. (1998). A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*, 6, 87-103.
- Carlsson, U., & Feilitzen, C. V. (1999). *A criança e a violência na mídia* (M.E. S. Matar & D. A. Azevedo, trans.). São Paulo: Cortez.
- Cezar-Ferreira, V. A. M. (2004). Uma visão do direito de família: sobre a função do pai aos olhos da lei. Em E. Polity, M. Z. Setton & S. F. Colombo (Orgs.), *Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade* (pp. 70-96). São Paulo: Vetor.
- Cezar-Ferreira, V. A. M. (2007). *Família, Separação e Medicação. Uma visão psicojurídica*. São Paulo: Editora Método.
- Champlin, D. S. (2002). *Antropo+Logia*. São Paulo: ESETec.
- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996*. Retirado em 14 de junho de 2006, do

<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>

- Critchfield, T. S., Tucker, J. A., & Vuchinich, R. E. (1998). Self-report methods. In K. A. Lattal & M. Perone (Eds.), *Handbook of research methods in human operant behavior* (435-470). New York: Plenum Press.
- Del Priore, M. (1993). *Ao sul do corpo*. Rio de Janeiro: J. Olímpio e Brasília: Edunb.
- Del Priore, M. (1999). *A família no Brasil colonial*. São Paulo: Moderna.
- De Rose, J. C. C., & Gil, M. S. C. A. (2003). Para uma análise do brincar e de sua função educacional – a função educacional do brincar. Em M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, S. M. Olian (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição, vol. 11*, (pp. 373-382). Santo André: ESETec.
- Ellis, J., & Magee, S. (2007). Contingencies, macrocontingencies, and metacontingencies in current educational practices: No child left behind? *Behavior and Social Issues, 16*, 5-26.
- Glenn, S. S. (1985). Some reciprocal roles between Behavior Analysis and Institutional Economics in post-darwinian science. *The Behavior Analyst, 8*, 15-27.
- Glenn, S. S. (1986/2005). Metacontingências em Walden Dois. (R. C. Martone & D. S. C. Ferreira, Trans.) Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 13-28). Santo André: ESETec.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst, 1*, 161-179.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural and biological evolution. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 39-73). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Glenn, S. S. (2003). Operant contingencies and the origin of cultures. In K. A. Lattal & P. N. Chase (Eds.), *Behavior theory and philosophy* (pp. 223-242). New York: Plenum Publishers.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture and social change. *The Behavior Analyst, 27*, 133-151.
- Glenn, S. S., & Field, D. P. (1994). Functions of the environment in behavioral evolution. *The*

- Behavior Analyst*, 17, 241-259.
- Glenn, S. S., & Malagodi, E. F. (1991). Process and content in behavioral and cultural phenomena. *Behavior and Social Issues*, 1, 1-13.
- Glenn, S. S., & Malott, M. E. (2004). Complexity and selection: Implications for organizational change. *Behavior and Social Issues*, 13, 89-106.
- Goldani, A. M. (1994). As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, 91, 7-22.
- Guerin, B. (1992). Behavior analysis and social construction of knowledge. *American Psychologist*, 47, 1423-1432.
- Harris, M. (1984). Groups and individual effects in selection. *The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 490-491.
- Harris, M. (1986/2007). Cultural Materialism and Behavior Analysis: Common problems and radical solutions. *The Behavior Analyst*, 30, 37-47.
- Heller, D. C. L. (2004). *Obesidade Infantil. Manual de prevenção e tratamento*. Santo André: ESETec.
- Holtzman, M. (2005). Biological versus social definitions of the family: conflict, coexistence, or ambivalence? *Conference Papers - American Sociological Association*, 1-30.
- Houmanfar, R., & Rodrigues, N. J. (2006). The metacontingency and the behavioral contingency: Points of contact and departure. *Behavior and Social Issues*, 15, 13-30.
- Hübner, M. M. C., Miguel, C. F., & Michael, J. (2005). Controle múltiplo no comportamento verbal: humor brasileiro e operantes relacionados. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 7-14.
- IBGE (2002). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: síntese de indicadores 2001*. Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE (2005). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Lamal, P. A. (1991). Behavioral analysis of societies and cultural practices. In P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 3-12). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Lei nº6.515 (1977, 26 de dezembro). *Lei do divórcio*. Retirado em 26 de outubro de 2007, do http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6515.htm

- Lei nº 8.069 (1990, 13 de julho). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Presidência da República. Retirado em 17 de setembro de 2006, do http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Lei nº 10.406 (2002, 10 de janeiro). *Código Civil*. Presidência da República. Retirado em 20 de junho de 2007, do <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/2002/L10406.htm>
- Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: A call for cultural analysis. *The Behavior Analyst*, 9, 1-17.
- Malagodi, E. F., & Jackson, K. (1989). Behavior analysts and cultural analysis: Troubles and issues. *The Behavior Analyst*, 12, 17-33.
- Montgomery, M. (2005). *O novo pai*. Rio de Janeiro: Prestígio.
- Martone, R. C., & Banaco, R. A. (2005). Comportamento social: a imprensa como agência e ferramenta de controle social. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 13-28). Santo André: ESETec.
- Mattaini, M. A. (1999/2001). *Clinical intervention with families*. Washington: Nasw Press.
- Mattaini, M. A. (2004). Systems, metacontingencies, and cultural analysis: Are we there yet? *Behavior and Social Issues*, 13, 124-130.
- Mattaini, M. A. (2006). Will cultural analysis become a science? *Behavior and Social Issues*, 15, 68-80.
- Mendizabal, F. P. (2005). *Efeitos da exposição a filmes sobre práticas educativas maternas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- Parr, T. (2003). *O livro da família*. São Paulo: Editora Panda.
- Pierce, W. D. (1991). Culture and society: The role of behavioral analysis. In P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 13-37). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Polity, E., Setton, M. Z., & Colombo, S. F. (2004). *Ainda existe a cadeira do papai?* São Paulo: Vetor.
- Postman, N. (1995/2002). *O fim da educação* (J.L. Melo, trad.). Rio de Janeiro: Graphia.
- Rakos, R. F. (2001). Comment on Skinner's "The Design of Cultures". *Behavior and Social Issues*, 11, 24-25.

- Randall, R. (2003/2005). *De onde vem a minha comida?* São Paulo: Melhoramentos.
- Rastoin-Faugeron, F. (2002/2005). *A alimentação*. São Paulo: Ática.
- Rocha, R. (2001). *A família do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). Behavioral cusps: A developmental and pragmatic concept for Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30, 533-544.
- Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Olhando a pessoa e seus outros, de perto e de longe, no antes, aqui e depois. Em D. Colinvaux, L. B. Leite & D. D. Dell’Aglia (Orgs.), *Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais* (p. 19-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Salgado, J. M. (2001). *Aprendendo a comer bem*. São Paulo: Madras Editora.
- Scorzafave, L. G. D. S. (2004). *Caracterização da inserção feminina no mercado de trabalho e seus efeitos sobre a distribuição de renda*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Setton, M. Z. (2004). Uma visão histórico-antropológica sobre a paternidade. Em E. Polity, M. Z. Setton & S. F. Colombo (Orgs.), *Ainda existe a cadeira do papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade* (pp. 45-57). São Paulo: Vetor.
- Sharpe, T., & Koperwas, J. (1983). *Behavior and sequential analyses*. California: Sage Publications.
- Skinner, B. F. (1953/1985). *Ciência e comportamento humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1961/2001). The design of cultures. *Behavior and Social Issues*, 11, 4-13.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement. A theoretical analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Skinner, B. F. (1971/2002). Values. In *Beyond freedom & dignity*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 41, 217-221.
- Skinner, B. F. (1986). What is wrong with daily life in the Western World? *American Psychologist*, 41, 568-574.

- Suzuki, M. (2007). *Quebrando o silêncio. Um debate sobre o infanticídio nas comunidades indígenas do Brasil*. Brasília: Atini.
- Todorov, J. C. (1987/2005). A Constituição como Metacontingência. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 29-36). Santo André: ESETec.
- Todorov, J. C., Moreira, M., Prudêncio, M. R. A. & Pereira, G. C. C. (2004/2005). Um estudo de Contingências e Metacontingências no Estatuto da Criança e do Adolescente. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 45-53). Santo André: ESETec.
- Tourinho, E. Z., & Carvalho-Neto, M. B. (2004). O conceito de estado inicial na explicação do comportamento humano: considerações de uma perspectiva analítico-comportamental. Em M. L. S. Moura (Org.), *O bebê no século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp. 111-134). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Turkenicz, A. (2006). Famílias ocidentais no século XX. Em Portella, F. O. & Franceschini, I. S. (orgs.), *Família e aprendizagem – Uma relação necessária* (pp. 11-36). Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Ulman, J. D. (1998). Toward a more complete science of human behavior: Behaviorology plus institutional economics. *Behavior and Social Issues*, 8, 195-217.
- Ulman, J. D. (2006). Macrocontingencies and institutions: A behaviorological analysis. *Behavior and Social Issues*, 15, 95-100.
- Vichi C. (2005). Igualdade ou desigualdade: Manipulando um análogo experimental de prática cultural em laboratório. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade* (pp. 13-28). Santo André: ESETec.
- Ziraldó. (2005). *Um amor de família*. São Paulo: Melhoramentos.